

INAC

INACONTECIMENTOS, AMAZÔNIA

[RE]AÇÕES AMBIENTAIS

ONTE

LUCAS NEGRÃO

CINTE

**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ARTES
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**

BELÉM 2024

NTOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

MESTRADO EM ARTES

LUCAS DA SILVA NEGRÃO

INACONTECIMENTOS, AMAZÔNIA:

[re]ações ambientais

BELÉM
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

N385i Negrão, Lucas.
 INACONTECIMENTOS, AMAZÔNIA : [re]ações ambientais
 / Lucas Negrão. — 2024.
 66 f. : il. color.

 Orientador(a): Prof^a. Dra. Hosana Celeste Oliveira
 Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
 Instituto de Ciências da Arte, Programa de Pós-Graduação em
 Artes, Belém, 2024.

 1. Ecoarte. 2. Amazônia. 3. Arte e Tecnologia. 4.
 Degradação Ambiental. 5. Arte e Meio Ambiente. I. Título.

CDD 801.951



INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ.

Aos vinte e sete (27) dias do mês de setembro do ano de dois mil e vinte e quatro (2024), às nove e trinta (9h30) horas, a Banca Examinadora instituída pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade Federal do Pará, reuniu-se sob a presidência da orientadora professora doutora, Hosana Celeste Oliveira conforme o disposto nos artigos 73 ao 77 do Regimento do Programa de Pós-Graduação em Artes, para presenciar a defesa oral de Dissertação de Lucas Da Silva Negrão, intitulada: **INACONTECIMENTOS, AMAZÔNIA: [re]ações ambientais**, Perante a Banca Examinadora, composta por: Hosana Celeste Oliveira (Presidente), Ana Claudia do Amaral Leão (Examinador Interno) Francisco Pereira Smith Junior (Examinador Interno), Savio Luis Stoco (Examinador Interno) e Danilo Nazareno Azevedo Barauna (Examinador Externo à Instituição). Dando início aos trabalhos, a professora doutora Hosana Celeste Oliveira, passou a palavra ao mestrando, que apresentou a dissertação, com duração de trinta minutos, seguido pelas arguições dos membros da Banca Examinadora e as respectivas defesas pelo mestrando, após o que a sessão foi interrompida para que a Banca procedesse à análise e elaborasse os pareceres e conclusões. Reiniciada a sessão, foi lido o parecer, resultando em **reprovação () aprovação (X)** com recomendação da banca para publicação. A aprovação do trabalho final pelos membros será homologada pelo Colegiado após a apresentação, pelo mestrando, da versão definitiva do trabalho. E nada mais havendo a tratar, a professora Hosana Celeste Oliveira agradeceu aos presentes, dando por encerrada a sessão. A presente ata que foi lavrada, após lida e aprovada, vai assinada, pelos membros da banca e pelo mestrando. Belém-Pa, 27 de setembro de 2024.

Hosana Celeste Oliveira (Presidente)

Documento assinado digitalmente
gov.br HOSANA CELESTE OLIVEIRA
Data: 02/10/2024 17:56:51-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Ana Claudia do Amaral Leão (Examinador Interno)

Documento assinado digitalmente
gov.br ANA CLAUDIA DO AMARAL LEAO
Data: 05/11/2024 08:42:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Francisco Pereira Smith Junior (Examinador Interno)

Documento assinado digitalmente
gov.br FRANCISCO PEREIRA SMITH JUNIOR
Data: 03/10/2024 21:43:38-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Savio Luis Stoco (Examinador Interno)

Documento assinado digitalmente
gov.br SAVIO LUIS STOCO
Data: 02/10/2024 22:16:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Danilo Nazareno Azevedo Barauna (Examinador Externo à Instituição)

Documento assinado digitalmente
gov.br DANILO NAZARENO AZEVEDO BARAUNA
Data: 03/10/2024 10:15:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Lucas Da Silva Negrão (Discente)

Documento assinado digitalmente
gov.br LUCAS DA SILVA NEGRÃO
Data: 05/11/2024 11:59:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

LUCAS DA SILVA NEGRÃO

INACONTECIMENTOS, AMAZÔNIA:

[re]ações ambientais

Memorial apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Artes, do Instituto de Ciências da Arte, da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestre em Artes sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Hosana Celeste Oliveira.

BELÉM
2024

*Eu espero
Acontecimentos
Só que quando anoitece
É festa no outro apartamento*

Antonio Cícero | Marina Lima

Agradeço,

ao povo brasileiro, por financiar essa pesquisa através da CAPES,

à CAPES, pelo fomento à essa pesquisa.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001"

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"

RESUMO

A pesquisa aborda a degradação do bioma Amazônia resultante da ação humana, utilizando três fontes principais: sistemas de monitoramento do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), imagens do Google Earth e fotografias aéreas autorais produzidas no estado do Pará. Essa dissertação objetiva compreender como as interações entre arte, corpo e ambiente no processo criativo da obra interativa-reativa 'Inacontecimento' pode auxiliar nas discussões sobre a degradação ambiental da Amazônia, a partir de autores como Ailton Krenak, Gilles Deleuze, Bruno Latour, Milton Sogabe e Tetsuro Watsuji. Além disso, a pesquisa inclui uma curadoria de exposição que reúne obras de artistas focadas nos impactos de projetos de exploração na Amazônia.

Palavras-chave: Ecoarte, Amazônia, Arte e Tecnologia, Degradação Ambiental, Arte e Meio Ambiente.

ABSTRACT

The research addresses the degradation of the Amazon biome resulting from human activity, utilizing three main sources: monitoring systems from the National Institute for Space Research (INPE), Google Earth images, and original aerial photographs produced in the state of Pará. This dissertation aims to understand how the interactions between art, body, and environment in the creative process of the interactive-reactive artwork 'Inacontecimento' can contribute to discussions on the environmental degradation of the Amazon, drawing from authors such as Ailton Krenak, Gilles Deleuze, Bruno Latour, Milton Sogabe, and Tetsuro Watsuji. Additionally, the research includes a curatorial exhibition that brings together works by artists focused on the impacts of exploitation projects in the Amazon.

Keywords: Eco-Art, Amazon, Art and Technology, Environmental Degradation, Art and Environmen.

Sumário

Apresentação

Introdução

1 - Tensões relacionais, amazônia

1.1 - O cosmos é natureza: entrelaçamento indissociável de corpos e ambiente

2 - Teoria e artistas

2.1 - Acontecimentos e Inacontecimentos

2.2 - Imagem: pós produção e apropriação.

2.3 - Arte e Tecnologia eletrônica-digital

2.4 - Desacontecimentos

2.5 - Exposição Amazônia Desvelada

3 - Inacontecimento, amazônia: Obra

3.1 - Projeto - processo de criação e concepção

3.2 - Acervo de imagens

3.4 - Inacontecimento, Amazônia - Exposição Amazônia Desvelada

3.5 - Inacontecimentos, Amazônia - Prêmio FCP de incentivo à arte e à cultura 2023.

4 - O que há de|vir

APRESENTAÇÃO

A Amazônia se faz na vivência de corpo em terra e água. Quando ainda cursava Engenharia Florestal, na Universidade Federal Rural da Amazônia (Belém, PA), as discussões acerca da destruição cultural de santuários indígenas, bem como a respeito da degradação da floresta e de seu reflorestamento, da vida e da vivência de pessoas que moram na mata, foram introduzidas por movimentos estudantis e formaram a minha consciência do que significa ser amazônida frente à desenfreada destruição da floresta e veloz alteração do clima terrestre.

Na mesma época, estava mais próximo de Roberta Carvalho¹ e de Aíla², as maiores incentivadoras para que eu cursasse artes visuais, após interromper o curso de graduação em engenharia florestal. Menciono esse fato porque a obra *Symbiosis* (2011), trabalho de Roberta, marcou profundamente minha percepção do alcance da arte e da relação entre corpo e ambiente. Durante a graduação em artes visuais na Universidade Federal do Pará (UFPA), nos primeiros semestres, iniciei a pesquisa artístico-científica com a professora Dra. Cláudia Leão, um estudo profundo e denso sobre a relação que moradores de beira de rio e artistas construíam com esse organismo. Trabalhei especialmente com a transcrição de entrevistas em áudio, realizadas pela Profa. Leão, na região do Xingu, sobretudo com mulheres que moravam na Volta Grande do Xingu obrigadas a deixar suas casas e suas vidas para a construção da Hidrelétrica de Belo Monte. Nesse período (2016), também estava envolvido com um grupo de pesquisa da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Pará, no qual se discutia a implementação da convenção 169 da OIT³,

¹ Artista visual, multimídia e diretora artística nascida em Belém do Pará. Desenvolve trabalhos envolvendo linguagens visuais e tecnológicas, transitando entre vídeo, intervenção urbana, projeção, realidades mistas, instalação e projetos interativos. Formada em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Pará, fez mestrado em Artes Visuais pela Universidade Estadual Paulista.

² Aíla é uma das principais vozes da música pop contemporânea da Amazônia. Nascida na Terra Firme, periferia de Belém, é cantora, compositora, diretora artística e musical, além de idealizadora de festivais pioneiros na Região Norte do país, como o Festival MANA, que debate o protagonismo das mulheres no mercado da música.

³ A Convenção 169 da OIT possui a definição de quem são os povos indígenas e tribais mencionados no documento, além de afirmar a obrigação dos governos em reconhecer e proteger os valores e práticas sociais, culturais, religiosas e espirituais próprias desses povos. A Convenção trata ainda da consulta aos povos interessados, mediante procedimentos apropriados toda vez que

que dispõe sobre a consulta livre, prévia e informada às comunidades atingidas por projetos de impacto ambiental. Este foi o início de uma trajetória de trabalhos que permeiam essa relação de vivência e experiência na Amazônia, ainda que tratassem, muito sutilmente, de discutir o tema da degradação da região. Mas foi durante a pandemia que concebi a ideia de construir uma obra interativa-reativa, como as plantas "mimosa púdica" popularmente conhecidas como "Maria fecha porta que tua mãe já morreu" (figura 1).

Desde então, passei a focar minha pesquisa poética no tema de projetos de exploração predatória da Amazônia. Parte da presente pesquisa foi realizada durante o trabalho que exercia como assessor parlamentar, no período de abril de 2021 a janeiro de 2023, da Deputada Estadual Marinor Brito, que esteve na Comissão Externa de Barragens, da Assembléia Legislativa do Estado do Pará, que pauta a defesa da Amazônia. Na ocasião, participei de agendas *in loco* com movimentos sociais, comunidades indígenas e extrativistas, e pessoas atingidas por crimes ambientais, o que veio influenciar fortemente o meu trabalho artístico.

sejam previstas medidas legislativas ou administrativas suscetíveis de afetá-los diretamente. Essas medidas podem ser tanto adotadas pela esfera pública quanto pela esfera privada. Ou seja, a OIT 169 trata da importância de realizar uma consulta livre, prévia e informada sempre que alguma obra, ação, política ou programa for ser desenvolvido e afete os povos tradicionais. Independente da iniciativa pública ou privada, a consulta é prevista pela OIT 169.

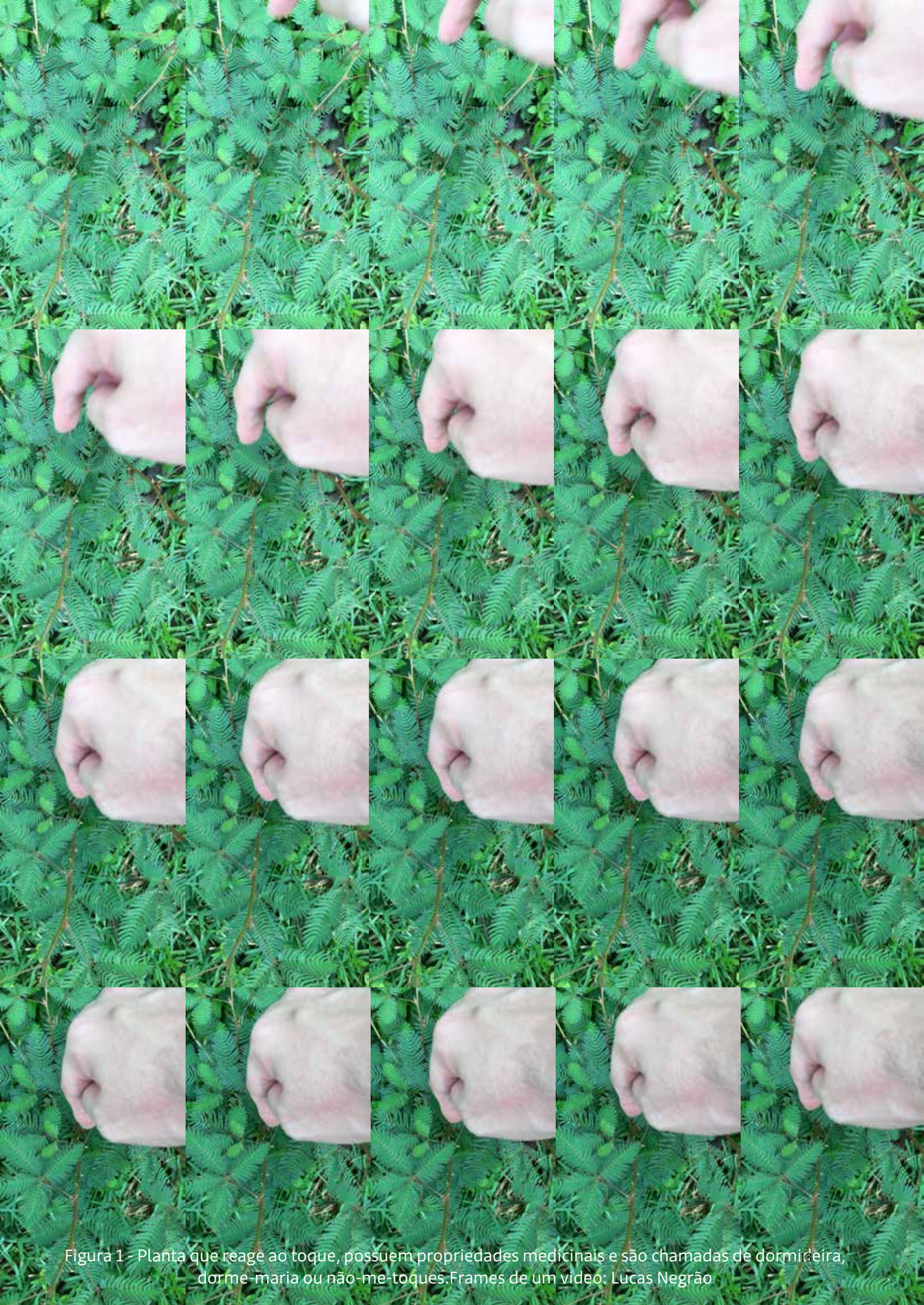
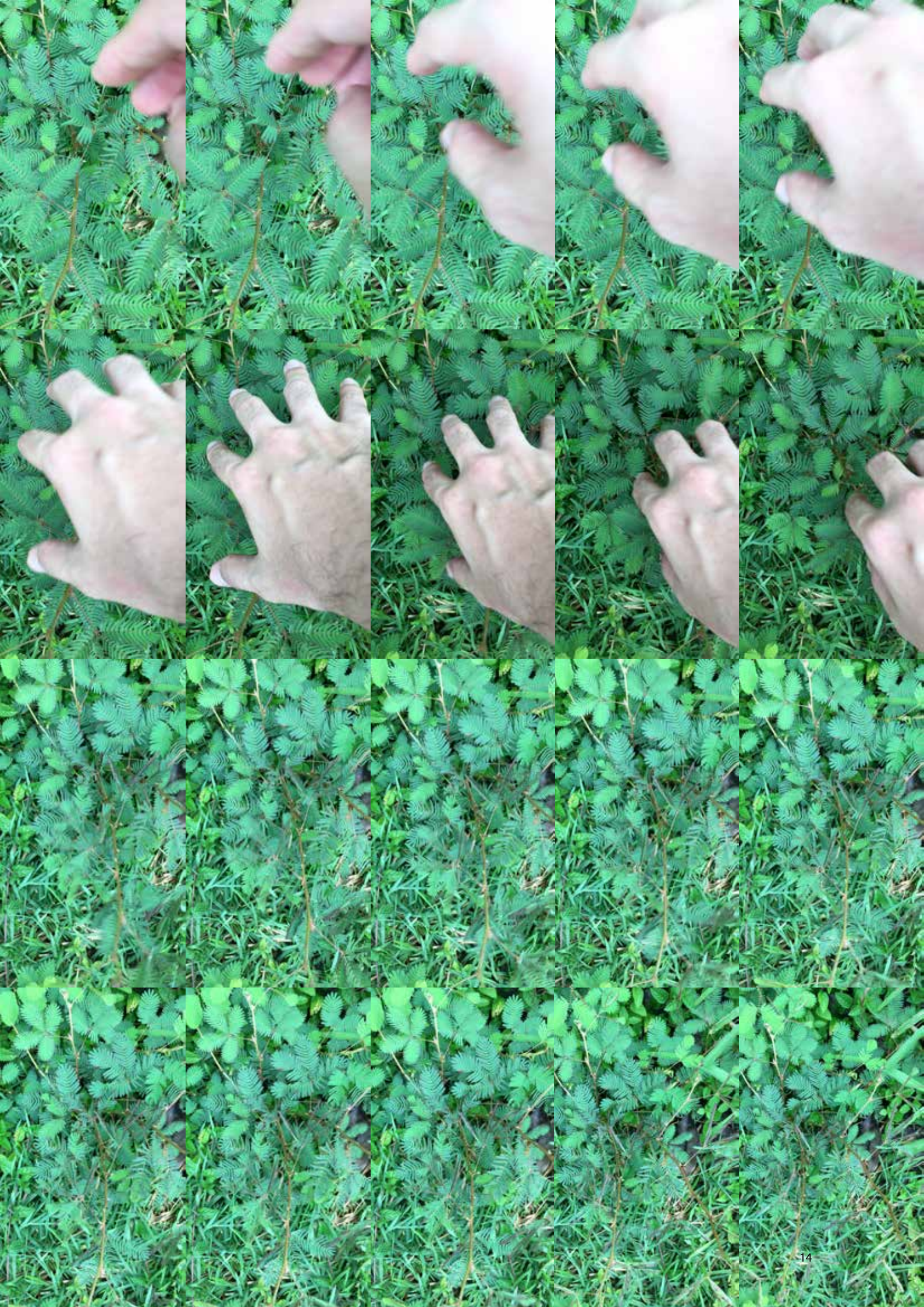


Figura 1 - Planta que reage ao toque, possuem propriedades medicinais e são chamadas de dormideira, dorme-maria ou não-me-toques. Frames de um vídeo: Lucas Negrão



INTRODUÇÃO

A pesquisa se dá na investigação da temática ligada aos acontecimentos resultantes da ação humana que implicam na degradação do bioma Amazônia, verificados a partir de 1. dados disponibilizados por sistemas de monitoramento, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE)⁴, 2. imagens do Google Earth e 3. imagens aéreas de minha autoria obtidas a partir de um sobrevoo na região do Baixo Tapajós (Pará). Uma seleção de dados retirados dessas três fontes foi usada na criação poética de duas obras interativas-reativas, chamada *Inacontecimento* (2021 - presente) e *Inacontecimentos* (2023), com o objetivo de discutir questões relacionais entre arte-corpo-ambiente e evidenciar dados de degradação por ação humana na Amazônia, a partir de processos de criação na relação entre arte, ciência, tecnologia e natureza. Além disso, há também uma curadoria de exposição realizada a partir de uma pesquisa acerca de obras de artistas que discutem os impactos dos projetos de exploração no bioma Amazônia. Este memorial de obra é o resultado desse processo.

Nesse memorial, argumento que os processos criativos que geram a curadoria e obra aqui descritos contribuem para uma discussão sobre a realidade amazônica e sobre a exploração predatória ambiental da região. A construção poética do trabalho se utiliza de dados gráficos, como por exemplo os das figuras 2, 3 e 4, referentes às áreas de queimada, áreas de mineração e áreas de pasto, que são aqui compreendidas como áreas degradadas na Amazônia, por ação humana, com avanço nos últimos anos. Além disso, a apropriação de imagens de satélite, nas quais se evidenciam a mudança de vegetação ou de solo de áreas, divulgadas no portal TerraBrasilis (PRODES-INPE)⁵, também compõem um acervo de imagem que foi coletado para auxiliar na concepção e criação da obra. A partir desses dados, gráficos e fotográficos, se buscou estabelecer comparativos das áreas em propostas

⁴ Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais é um instituto federal brasileiro dedicado à pesquisa e exploração espacial, criado em 1961.

⁵ O projeto PRODES realiza o monitoramento por satélites do desmatamento por corte raso na Amazônia Legal e produz, desde 1988, as taxas anuais de desmatamento na região, que são usadas pelo governo brasileiro para o estabelecimento de políticas públicas.

visuais e construções textuais que nos leve a refletir em relação à degradação do bioma Amazônia.

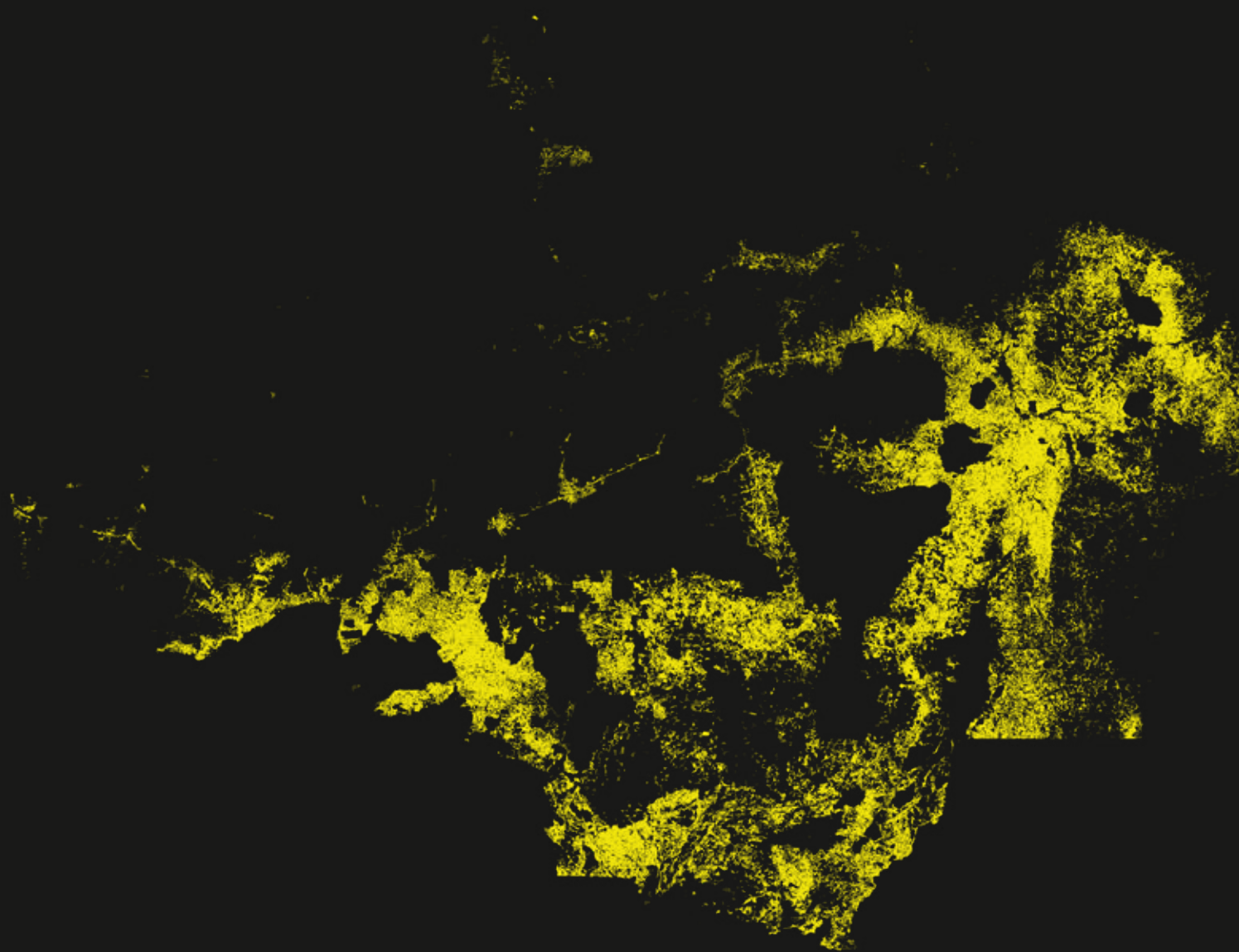


Figura 2 - Mapa de área de uso de solo para pasto na Amazônia Brasileira. Fonte: PRODES - INPE.¹⁷

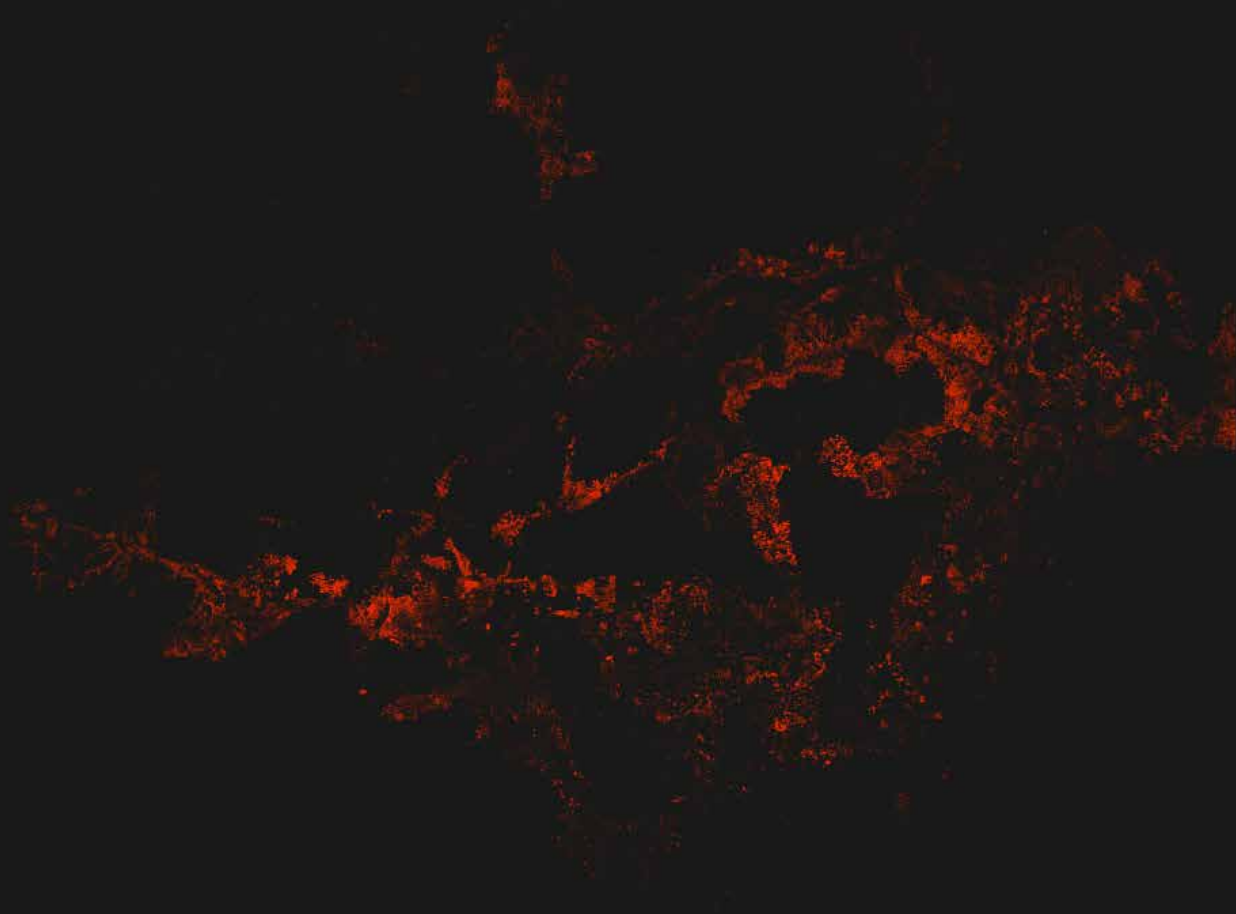


Figura 4 - Áreas queimadas na Amazônia brasileira. Fonte: PRODES - INPE.

"Inacontecimento" deriva de "acontecimento" e é um modo da pesquisa poética para se referir às ações que não ocorrem como se previa ou se esperava frente a uma expectativa do lugar como as ocorrências de praxe se dão. Considerando essa premissa, uso "poética relacional do inacontecimento" como conceito norteador e auxiliar na pesquisa, o qual é construído a partir de teóricos e de produções artísticas que exploram temáticas sobre ideias de acontecimento/inacontecimento, ecológicas e ambientais. Recorro aos autores Nicolas Bourriaud (estética relacional, 2009), Gilles Deleuze (acontecimentos, 1998) e Tetsuro Watsuji (antropologia da paisagem, 2006); e às referências artísticas de trabalhos de Roberta Carvalho (Belém, PA, 1980), Lucas Bambozzi (Matão, SP, 1965), Rosangella Leote (Canoas, RS, 1961), Cláudia Leão (Belém, PA, 1967), Miguel Chikaoka (Registro, SP, 1950), Denilson Baniwa (Barcelos, AM, 1984) e outros.

Com o objetivo de criar conteúdos sobre a degradação da Amazônia para serem utilizados na obra, formei um banco de dados que contém gráficos, imagens de satélite e relatórios de análises obtidos na plataforma PRODES/INPE⁶. Utilizei, também, um acervo de fotografias, de minha autoria realizadas em sobrevoos na região do baixo Tapajós (Pará), região do Salgado (Pará) e Ilha do Combu (Belém, PA)⁷, que foram incorporadas na proposta. Durante o processo, notei que haviam três disparadores temáticos para organizar esse banco de dados e o acervo de imagem, a saber: mineração, queimadas e pasto - estes foram usados como categorias organizacionais de conteúdo gráfico e imagético, sobre a degradação da Amazônia, para a conduzir as operações poéticas.

Dentre os resultados desta pesquisa, trago: 1. uma instalação interativa, apresentada na Associação Fotoativa, "inacontecimentos, amazônia" (2023), realizada por meio do Prêmio FCP⁸ de incentivo à arte e à cultura, projeto selecionado em um edital público, revisado e aprovado por pares de área; 2. uma projeção interativa, "inacontecimento, amazônia" (2023), montada na Exposição

⁶ TerraBrasilis é uma plataforma de dados geograficos e pode ser acessado em <https://terrabrasilis.dpi.inpe.br/>

⁷ Essas fotografias foram feitas por mim na ocasião de viagens à trabalho e à produção de acervo.

⁸ Prêmio da Fundação Cultural do Pará destinado ao fomento na criação de obras de arte no estado do Pará.

Amazônia Desvelada⁹; e 3. a curadoria para a Exposição Amazônia Desvelada (2023), em parceria com Coletivo Pororoka e a Associação Fotoativa¹⁰. O processo curatorial que realizei para a exposição tratou dos impactos dos projetos na Amazônia e reuniu mais de 17 artistas e movimentos sociais durante os meses de setembro a novembro de 2023. Todos os resultados da pesquisa foram realizados no casarão da Associação Fotoativa¹¹.

⁹ A exposição realizada em parceria entre Associação Fotoativa e Coletivo Pororoka, reuniu obras de artistas da Amazônia a respeito dos impactos dos projetos de exploração do território.

¹⁰ <https://fotoativa.org.br/Amazonia-Desvelada>

¹¹ Associação que promove a formação e difusão cultural desde 1984, criada por Miguel Chikaoka, em Belém.



#1 TENSÕES RELACIONAIS, AMAZÔNIA

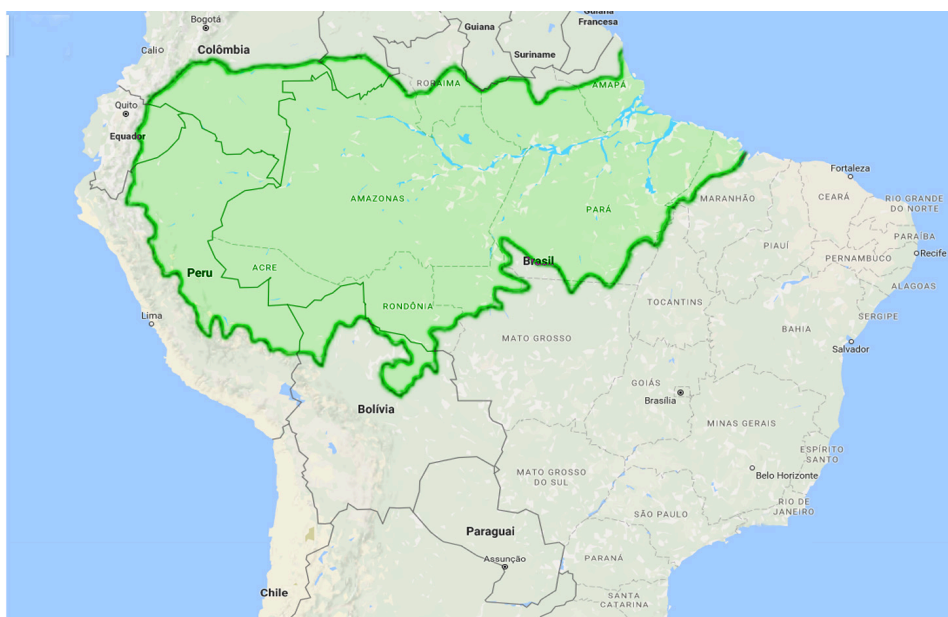


Figura 5 - "Amazônia" mapa geográfico.

Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Amazonia_basin.jpg

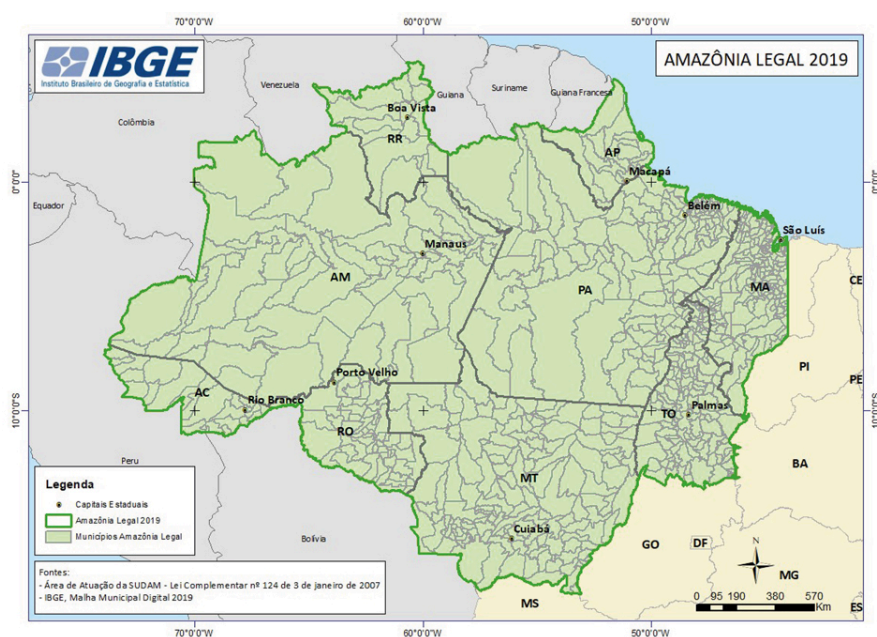


Figura 6 - "Amazônia brasileira" após atualização do IBGE em 2020.

Fonte:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28089-ibge-atualiza-mapa-da-amazonia-legal>

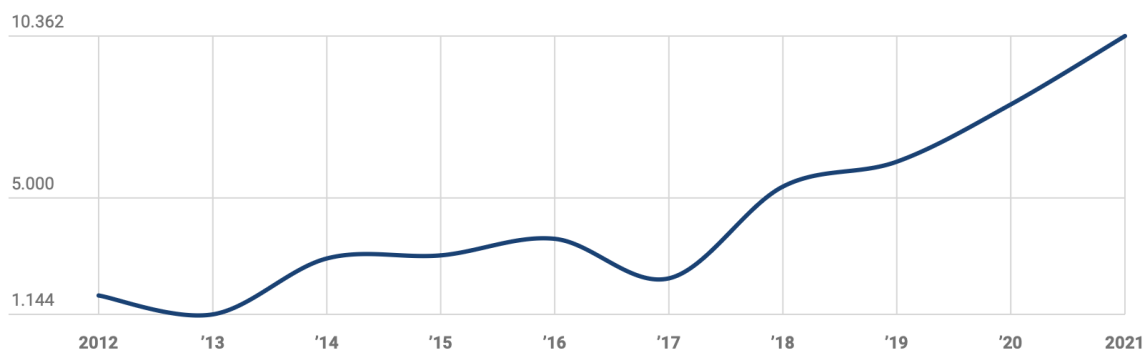
A "experiência Amazônia" se faz no chão desta terra, lugar que agora estou..., na água que corre nas chuvas e nos corpos de rios, na mata de plantas super desenvolvidas e cheias de inteligência, nos animais envoltos no ciclo do bioma. Esse é o processo de acontecimento da Amazônia que tem sofrido a exploração predatória que leva seu sistema de vida a ser interrompido e *inacontecido* - palavra criada por mim a partir do conceito poético desenvolvido na pesquisa. Em enormes áreas do bioma Amazônia, o processo biológico do modo de viver tem deixado de acontecer, seja com o fogo ou com a derrubada da mata, é como tocar em uma mimosa pudica* e ela não se fechar. É como não poder se banhar em um rio, por conta da contaminação de mercúrio. É como pescar e não haver peixe, por conta das barragens construídas para hidrelétricas. Orlando Maneschky e Keyla Sobral escrevem que na experiência *amazoniana*:

É preciso ter conhecimento para adentrar a floresta. Respeito e cuidado. É preciso pedir licença, mesmo em um país colonizado e em chamas, precisamos ter respeito! Tudo parece muito distante e, ao mesmo tempo, tudo tão próximo. A física quântica já explicou. E nos deslocamos no espaço-tempo cruzando territórios, sempre a iminência do impacto final. (MANESCHY, SOBRAL, 2021)

E continuam afirmando que "As estratégias do capitalismo têm seu requinte de sedução e sedação. Ambas seguem aliadas às práticas colonialistas". Desde a invasão portuguesa no território que passaram a chamar de Brasil, a relação estabelecida com a natureza e o meio ambiente foi de exploração de recursos para geração de capital, compreendendo as diferentes formas de acumulação desse capital ao longo da história. De 1500 para cá, pouco mudou nessa relação de exploração – o que restou da Mata Atlântica é resultado disso – e, apesar dos avanços em pesquisas e legislações para proteção ambiental, com o novo Código Florestal (Lei 12.651), o que se tem visto nos últimos anos é o aumento considerável do desmatamento na Amazônia, segundo o Sistema de Alerta de Desmatamento (SAD), em relatório divulgado em junho de 2022 (figura 7) . A Amazônia está virando cinzas, que viram pastos ou viram soja. Trata-se de um território com impressionante diversidade cultural na fauna, na flora e no ser humano, em acelerado processo de destruição.

desmatamento na Amazônia

acumulado de janeiro a dezembro, em km²



fonte: Imazon

Figura 7 - Gráfico do desmatamento entre 2012 e 2021.

<https://www.poder360.com.br/meio-ambiente/imazon-amazonia-registrou-maior-desmatamento-em-10-anos/>

Dados do Projeto de Monitoramento do Desmatamento na Amazônia Legal por Satélite (PRODES) do INPE (Instituto de Pesquisas Espaciais) constata a ocorrência de mais zonas de calor na Amazônia legal¹², informação que se traduz na realidade de mais áreas desmatadas nos estados que compõem a Amazônia brasileira. No topo da lista de estados está o Pará, com maiores focos de queimada e progressão dessas ações, uma área total de 166.774 km² entre 1988 e 2022, segundo o PRODES¹³. Além das queimadas, o bioma amazônico sofre com constantes intervenções de obras de exploração predatória, como é o caso das hidrelétricas e mineradoras que aqui se instalam provocando danos irreversíveis.

Taxas PRODES Amazônia - 1988 a 2023 (km²)

Ano/Estados	AC	AM	AP	MA	MT	PA	RO	RR	TO	AMZ LEGAL

¹² A Amazônia Legal corresponde à área de atuação da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia – SUDAM delimitada em consonância ao Art. 2º da Lei Complementar n. 124, de 03.01.2007. A Amazônia Legal foi instituída com o objetivo de definir a delimitação geográfica da região política de atuação da SUDAM como finalidade promover o desenvolvimento incluyente e sustentável de sua área de atuação e a integração competitiva da base produtiva regional na economia nacional e internacional.

¹³ Dados do desmatamento por ano, de 1988 a 2023:

<http://www.obt.inpe.br/OBT/assuntos/programas/amazonia/prodes>

1988	620	1510	60	245 0	5140	6990	2340	29 0	165 0	21050
1989	540	1180	130	142 0	5960	5750	1430	63 0	730	17770
1990	550	520	250	110 0	4020	4890	1670	15 0	580	13730
1991	380	980	410	670	2840	3780	1110	42 0	440	11030
1992	400	799	36	113 5	4674	3787	2265	28 1	409	13786
1993	482	370	0	372	6220	4284	2595	24 0	333	14896
1994	482	370	0	372	6220	4284	2595	24 0	333	14896
1995	1208	2114	9	174 5	10391	7845	4730	22 0	797	29059
1996	433	1023	0	106 1	6543	6135	2432	21 4	320	18161
1997	358	589	18	409	5271	4139	1986	18 4	273	13227
1998	536	670	30	101 2	6466	5829	2041	22 3	576	17383
1999	441	720	0	123 0	6963	5111	2358	22 0	216	17259
2000	547	612	0	106 5	6369	6671	2465	25 3	244	18226

2001	419	634	7	958	7703	5237	2673	34 5	189	18165
2002	883	885	0	108 5	7892	7510	3099	84	212	21651
2003	1078	1558	25	993	10405	7145	3597	43 9	156	25396
2004	728	1232	46	755	11814	8870	3858	31 1	158	27772
2005	592	775	33	922	7145	5899	3244	13 3	271	19014
2006	398	788	30	674	4333	5659	2049	23 1	124	14286
2007	184	610	39	631	2678	5526	1611	30 9	63	11651
2008	254	604	100	127 1	3258	5607	1136	57 4	107	12911
2009	167	405	70	828	1049	4281	482	12 1	61	7464
2010	259	595	53	712	871	3770	435	25 6	49	7000
2011	280	502	66	396	1120	3008	865	14 1	40	6418
2012	305	523	27	269	757	1741	773	12 4	52	4571
2013	221	583	23	403	1139	2346	932	17 0	74	5891

2014	309	500	31	257	1075	1887	684	21 9	50	5012
2015	264	712	25	209	1601	2153	1030	15 6	57	6207
2016	372	1129	17	258	1489	2992	1376	20 2	58	7893
2017	257	1001	24	265	1561	2433	1243	13 2	31	6947
2018	444	1045	24	253	1490	2744	1316	19 5	25	7536
2019	682	1434	32	237	1702	4172	1257	59 0	23	10129
2020	706	1512	24	336	1779	4899	1273	29 7	25	10851
2021	889	2306	17	350	2213	5238	1673	31 5	37	13038
2022	840	2594	14	271	1927	4162	1480	27 9	27	11594
2023	597	1553	12	285	2086	3272	873	29 7	26	9001
Var. 2022-2023 *	-29%	-40%	-14 %	5%	8%	-21 %	-41 %	6%	-4%	-22%

Tabela 1 - Dados do desmatamento a cada ano, de 1988 a 2023.

Acesso em <http://www.obt.inpe.br/OBT/assuntos/programas/amazonia/prodes>

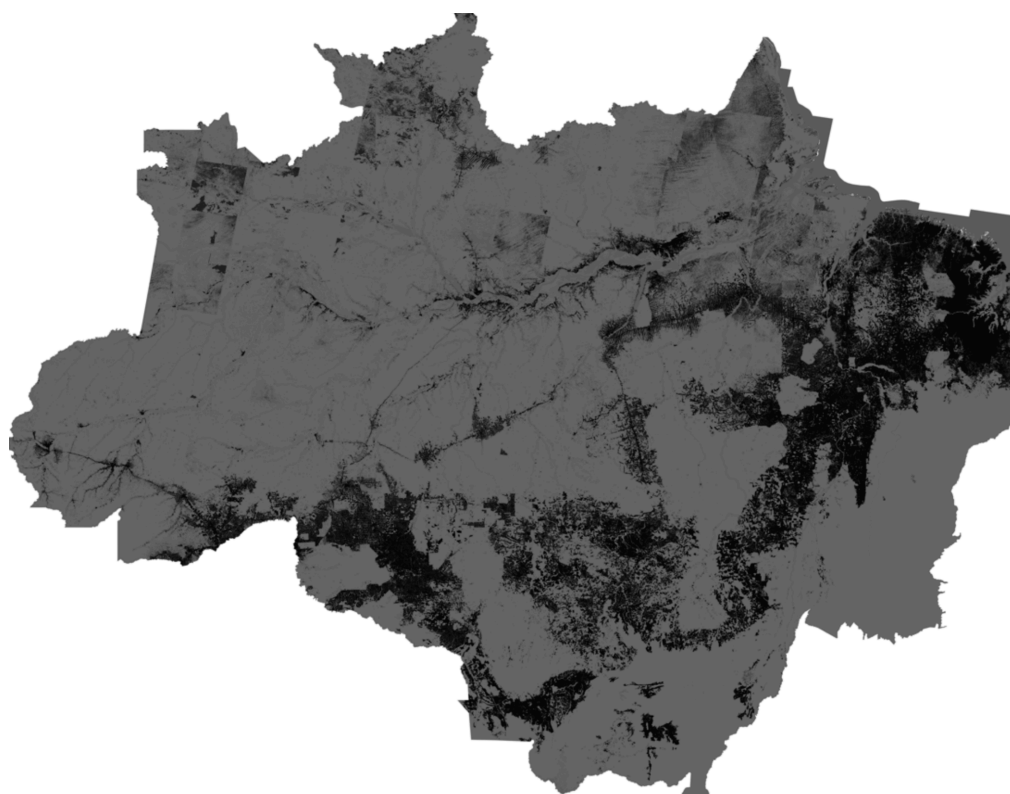


Figura 8 - Mapa do desmatamento na amazônia brasileira - PRODES/Terrabrasilis - INPE -2000 - 2022. A área em cinza representa a Amazônia Legal e em cor preta são as áreas de focos de queimada. É possível aferir que grande parte dos focos registrados por satélite estão no Estado do Pará e também próximo ao leito do rio Amazonas, entre o Amazonas e o Pará.

A hidrelétrica de Belo Monte (figura 9), no Pará, é o exemplo mais recente de grande impacto no bioma. A obra mudou o curso de rios, desalojou comunidades ribeirinhas e alagou territórios indígenas (FREIRE, L. M.; LIMA, J. S.; SILVA, E. V.). Outra obra que se destaca, também no Pará, é a da mineradora Belo Sun (figura 10 e 11), que pretende extrair minérios na região do Xingu, e já iniciou as desapropriações das comunidades de beira de rio. O impacto ambiental dessa obra é maior que o da Hidrelétrica de Belo Monte, construída para suprir a futura mineradora Belo Sun (Figura Z), com a possibilidade de desaparecimento do Rio Xingu, principal fonte alimentar e de mobilidade das comunidades ribeirinhas de Altamira, aponta Maurício Terena no relatório Mina de Sangue, publicado em 2023 pela Articulação Dos Povos Indígenas Do Brasil – APIB.



Figura 9 - Barragem da Hidrelétrica de Belo Monte, Altamira-Pará, no Rio Xingú.



Figura 10 - Área da mineradora Belo Sun, na Volta Grande do Xingu, ainda sem atuação de exploração. Fonte: <https://reporterbrasil.org.br/2022/04/belo-sun-diz-que-consultou-indigenas-sobre-mina-de-ouro-mas-mpf-ve- apenas-coleta-de-informacoes/>

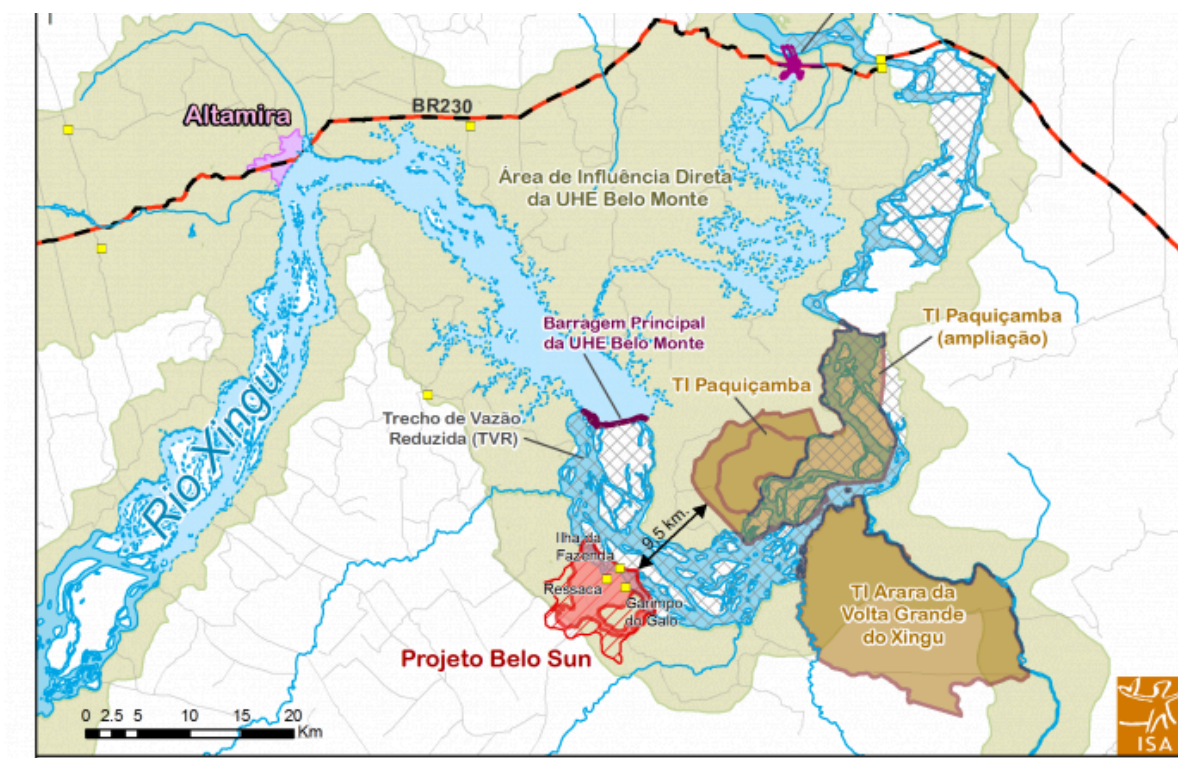


Figura 11 - Mapa de Belo Sun e Belo Monte elaborado pelo Instituto SocioAmbiental (ISA / Amazonia.org). Fonte: <https://www.ecodebate.com.br/2013/10/11/indios-juruna-da-volta-grande-do-xingu-querem-consulta-previa-sobre-projeto-de-mineracao-belo-sun/>

Em Marabá (PA), cidade de confluência dos rios Tocantins e Itacaiúnas, a exploração de minérios (figura 12) faz parte de sua história: de diamantes a ouro, entre ferro, cobre e manganês, a paisagem que tem deixado de acontecer é vista de cima, mas igualmente através da ferrovia que leva os metais explorados até o Porto, para se transformar em componentes tecnológicos que uso hoje para construir as obras e para escrever esse texto em um computador. A predação mineral desabilita a vida do bioma na área de exploração, *a área deixa de acontecer*.



Figura 12 - Obra Estrada de Ferro Carajás, de Tuca Vieira. Um trem carregado de minério de ferro bruto, desde Carajás, passando por Marabá, até o terminal de Ponta da Madeira, no Maranhão, com destino a diversos países. Link para o vídeo da obra: <https://vimeo.com/78027053>

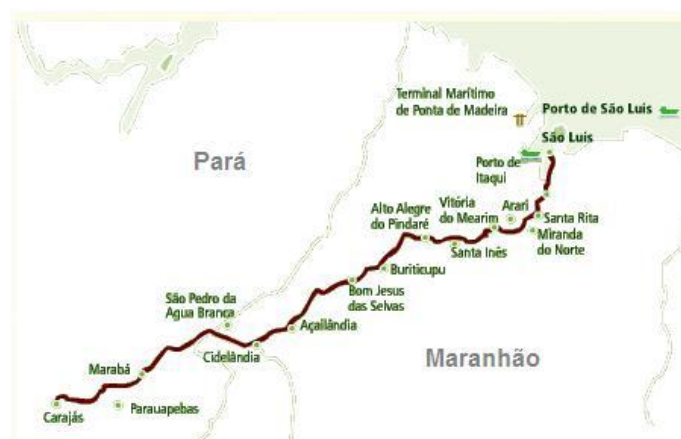


Figura 13: Mapa da Estrada de ferro Carajás, com 892 km de extensão.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Estrada_de_Ferro_Caraj%C3%A1s

O ecocídio¹⁴ do bioma Amazônia também se dá pelo desmatamento, grandes áreas que antes eram “Amazônia” estão se transformando em soja. A Amazônia tem

¹⁴ Ecocídio é qualquer ato ilegal ou arbitrário cometido com o conhecimento de que há uma probabilidade substancial de danos ambientais graves e generalizados ou de longo prazo causados por ele.

deixado de acontecer, para que aconteça o pasto, a soja, a mineração e a madeira traficada ilegalmente. Ricardo Abramovay, no livro *Amazônia: por uma economia do conhecimento da natureza* (2019, p.34), comprova que até 1960 somente 1% da floresta amazônica havia sido desmatada e que hoje são mais de 20% com progressão acelerada.

O mesmo autor afirma que “qualquer sobrevoo no entorno do território indígena do Xingu mostra campos de soja chegando até a beira dos rios” (ABRAMOVAY, 2019, p. 19). Com isso, sem vegetação na beira dos rios, há um maior risco ambiental de assoreamento dos rios na região. Urge dar visibilidade e amplificar a discussão dessa problemática com o atravessamento das pesquisas produzidas nas ciências ambientais com a arte, conferindo outras formas de visualização e compreensão de dados da realidade dessa região e modos de pensar, aprofundando os dados científicos com a experiência visual e sonora. A pesquisa se insere no debate trazendo informações para evidenciar e amplificar os estudos de referência na área.

Nos três mapas (PRODES-2023) é possível realizar algumas leituras acerca da preservação ambiental dentro de terras demarcadas (territórios indígenas), que tanto se discute nos últimos anos sobre a legislação do Marco Temporal. Nas imagens vemos o avanço da mineração sobre a floresta e rios amazônicos, entretanto nas áreas de “respiro” no mapa, onde não há essa exploração, estão as unidades de conservação. No segundo e terceiro mapa vemos que nas áreas onde não há registro de queimadas ou desmatamento são exatamente as terras indígenas demarcadas e protegidas por lei, provando a necessidade de legislação de proteção para todo o território amazônico.

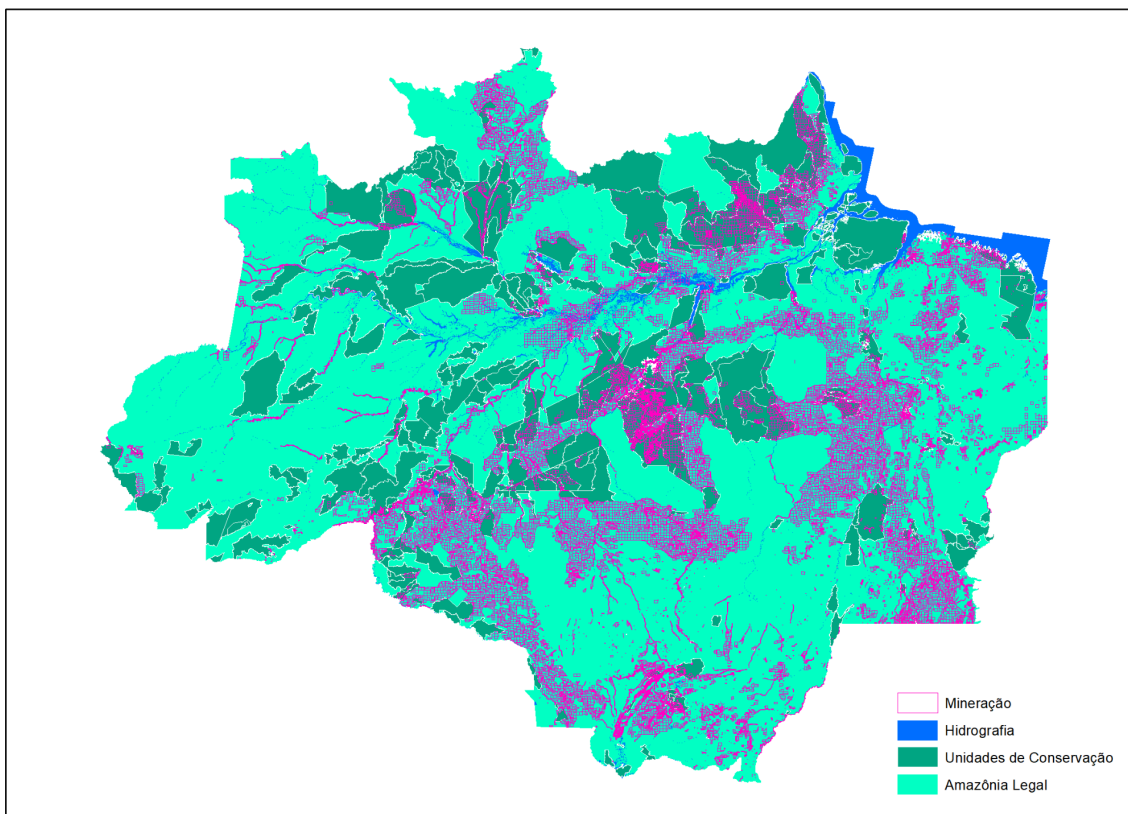


Figura 14: Mapa da mineração na Amazônia Legal

Fonte: PRODES/INPE

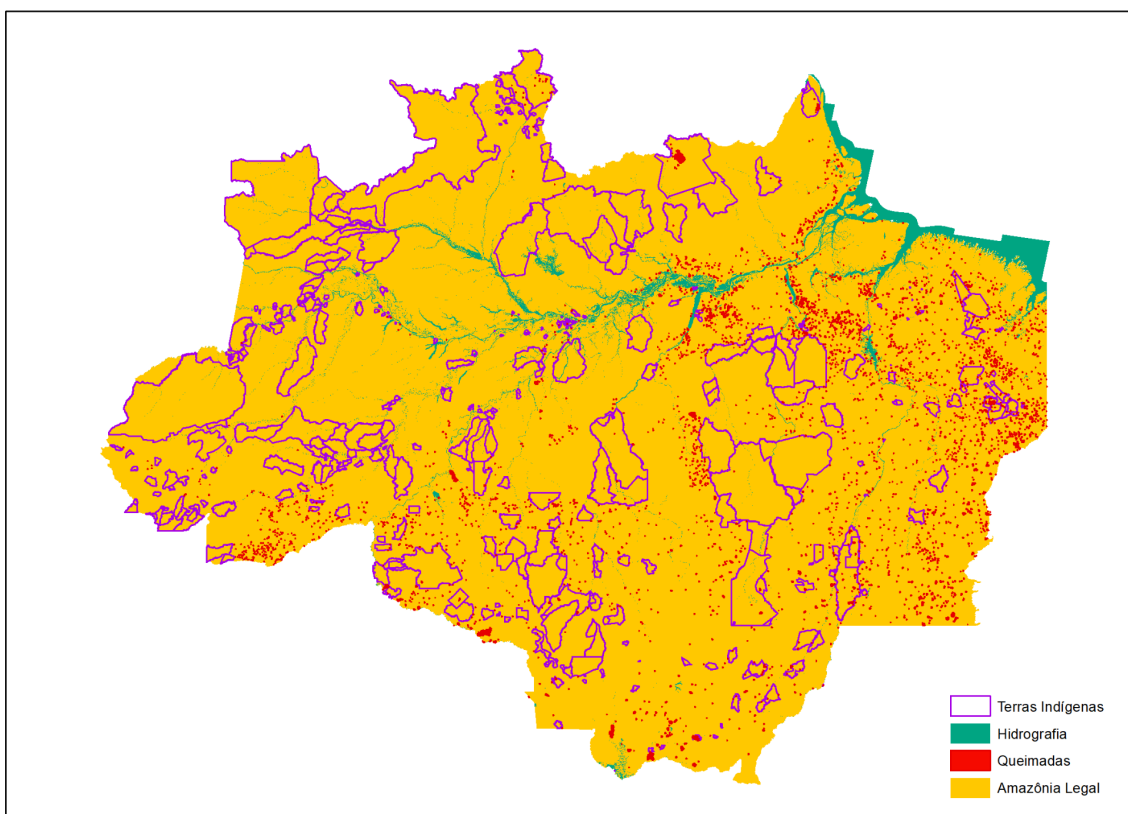


Figura 15: Mapa de terras indígenas e queimadas na Amazônia Legal

Fonte: PRODES/INPE

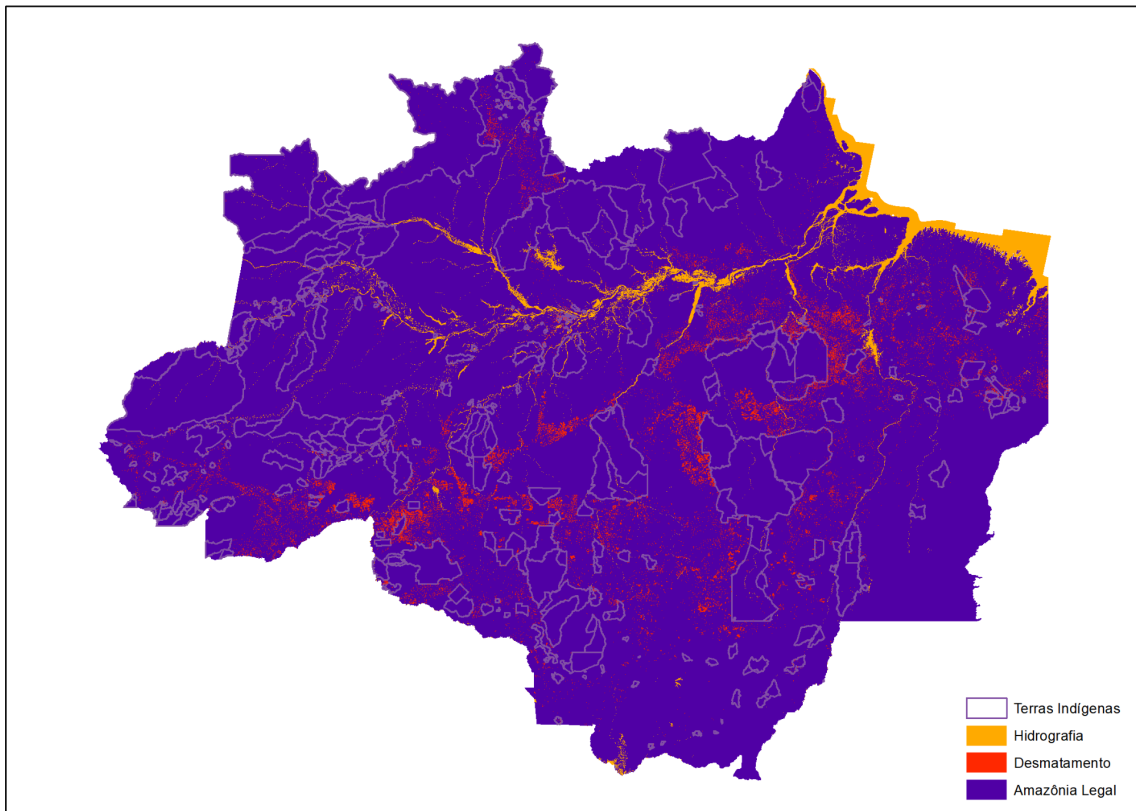


Figura 16: Mapa do desmatamento e terras indígenas na Amazônia Legal

Fonte: PRODES/INPE

Na esfera das relações com o ambiente, Tetsuro Watsuji, filósofo japonês, ao apontar para uma *Antropología del Paisaje* (2006), diz não haver diferenciação e separação entre pessoa, espírito, alma, natureza, ambiente e corpo – o que se pode associar às muitas tradições artísticas e estéticas orientais. Watsuji nos fala da necessidade de cruzamentos entre ambiente, tempo, história e corpo, de modo que a paisagem seja compreendida como um prolongamento de nossos corpos, contaminados por tudo aquilo que atravessa o ambiente quando nos predispomos a ser afetados por ele. Para o autor, o acesso à nossa existência se dá por meio da paisagem, e é assim que a consciência de nosso corpo e de nossa vida se tece nessa descoberta. Corpo e ambiente não são compreendidos como separação e sim como uma existência mútua e recíproca, de modo que o ambiente atua no corpo e esse corpo atua sobre esse ambiente.

Na confluência da resistência e preservação do bioma Amazônia, Davi Kopenawa, liderança indígena, nos ensina sobre a relação que os povos tradicionais do Brasil estabelecem com o ambiente:

o valor de nossa floresta é muito alto e muito pesado. Todas as mercadorias dos brancos jamais serão suficientes em troca de todas as suas árvores, frutos, animais e peixes. [...] Tudo o que cresce e se desloca na floresta ou sob as águas e também todos os xapiris e os humanos têm um valor importante demais para todas as mercadorias e o dinheiro dos brancos. Nada é forte o bastante para poder restituir o valor da floresta doente. Nenhuma mercadoria poderá comprar todos os Yanomami devorados pelas fumaças de epidemia. Nenhum dinheiro poderá devolver aos espíritos o valor de seus pais mortos! (Kopenawa, 2015, p.355).

Trazer o pensamento e a ciência de Kopenawa e seu povo para esta pesquisa não se faz de modo aleatório. É no território Yanomami que mais vemos o resultado das degradações da floresta amazônica e da violência com os povos da floresta:

A terra-floresta só pode morrer se for destruída pelos brancos. Então, os riachos sumirão, a terra ficará friável, as árvores secarão e as pedras das montanhas racharão com o calor. Os espíritos xapiripë, que moram nas serras e ficam brincando na floresta, acabarão fugindo. Seus pais, os xamãs, não poderão mais chamá-los para nos proteger. A terra-floresta se tornará seca e vazia. Os xamãs não poderão mais deter as fumaças-epidemias e os seres maléficos que nos adoecem. Assim, todos morrerão. (KOPENAWA, <https://piib.socioambiental.org/pt/Povo:Yanomami>)

Para os Yanomamis, “Urihi”, a terra-floresta, se constitui de um organismo vivo que emerge na relação cosmológica entre humanos e não humanos, de forma que a destruição da mata, a contaminação de um rio ou o assassinato de animais é entendida como um ferimento direto às suas vidas e aos seus corpos.

Ailton Krenak é outro intelectual indígena que pensa a humanidade atrelada, indissociavelmente, ao ambiente, e critica a ideia de progresso que devasta e destrói a fauna, a flora, as águas, o ar.

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade, nos alienamos desse organismo de que somos parte, a Terra, passando a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo que exista algo que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza. (Krenak, 2021, p. 5)

É impossível dissociar as ações de destruição de florestas, rios e fauna e a existência no planeta terrestre. A cosmovisão indígena é muito clara quando a isso.

1.1 O cosmos é natureza: entrelaçamento indissociável de corpos e ambiente

Krenak (2021) e Watsuji (2006) corroboram com a teoria de que as relações entre corpo e ambiente são indissociáveis na ação de um com o outro. Bruno Latour (2020) igualmente complementa essa ideia com bases científicas da geologia, ao nos lembrar que estamos entrando no Antropoceno, um período geológico marcado pelas transformações humanas na natureza terrestre, "se 'o Holoceno acabou', isso quer dizer que entramos em um novo período de instabilidade: a Terra está se tornando sensível à nossa ação e nós, humanos, estamos nos tornando um pouco geológicos!" (LATOUR, ano, p. 183).

Com o indício de incisões profundas no sistema ecológico terrestre, o Antropoceno é caracterizado pela transformação humana na escala de fenômenos terrestres e comparados a eles, como os cálculos que sugerem aproximação da potência de transformação humana ao das placas tectônicas, bem como o de alteração na velocidade de movimento do planeta (LATOUR, 2020). De forma que essas análises implicam na necessidade de haver uma conciliação entre a natureza e a sociedade, para se repensar os modos de vida e consumo. As modificações humanas no ambiente natural terrestre podem ser evidenciadas pelas transformações, vistas nas imagens de satélites, que apontam alteração de cursos de rios para hidrelétricas e grandes barragens de lama de mineração. Só no estado do Pará, duas das maiores construções hidrelétricas do Brasil alagaram imensas áreas florestais e áreas utilizadas por ribeirinhos e povos indígenas: Tucuruí e Belo Monte (figura 14 e 15).



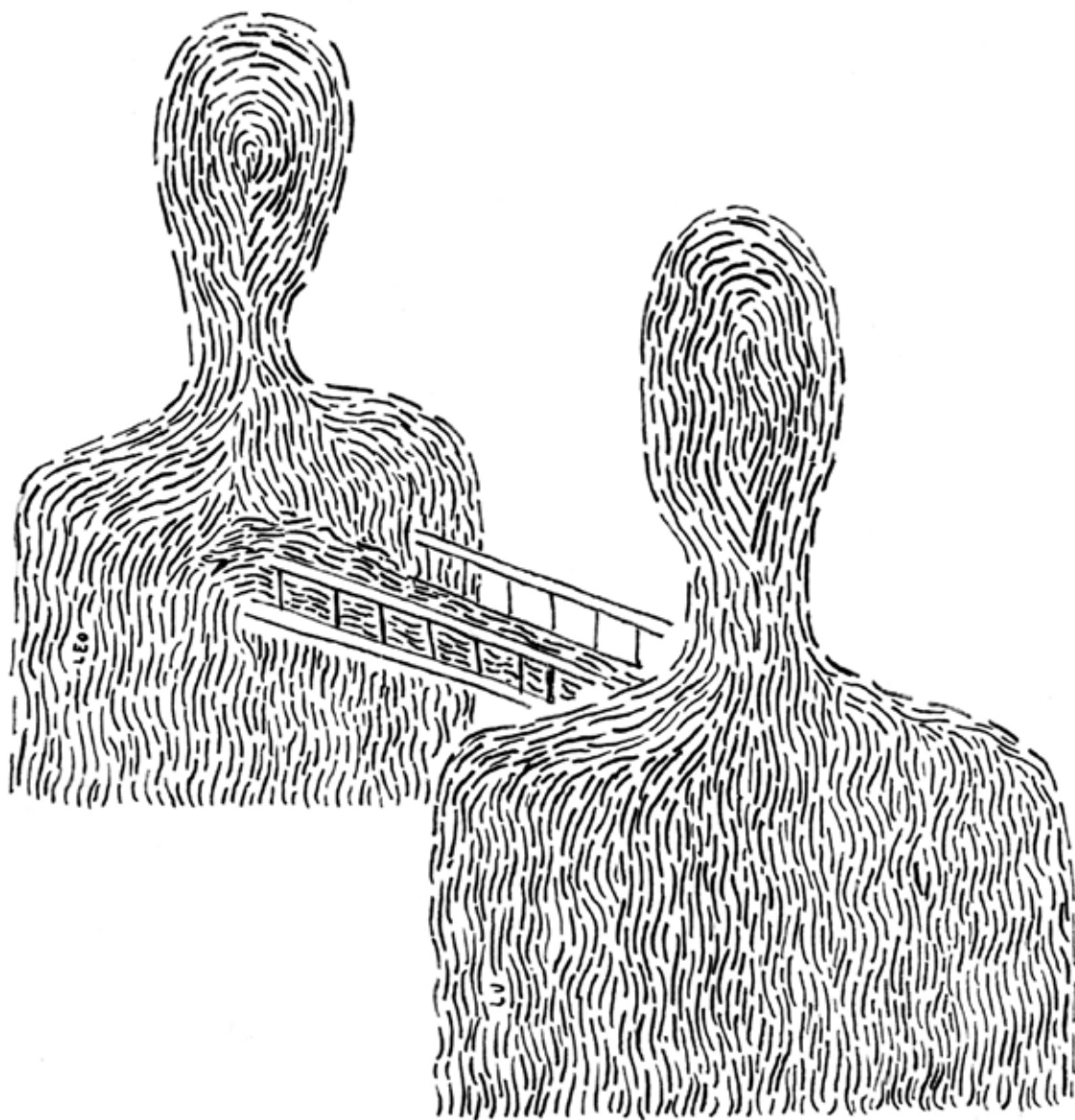
Figura 17 - Imagem de satélite da região da hidrelétrica de Belo Monte, 2011, antes da construção da barragem. Fonte: google earth.



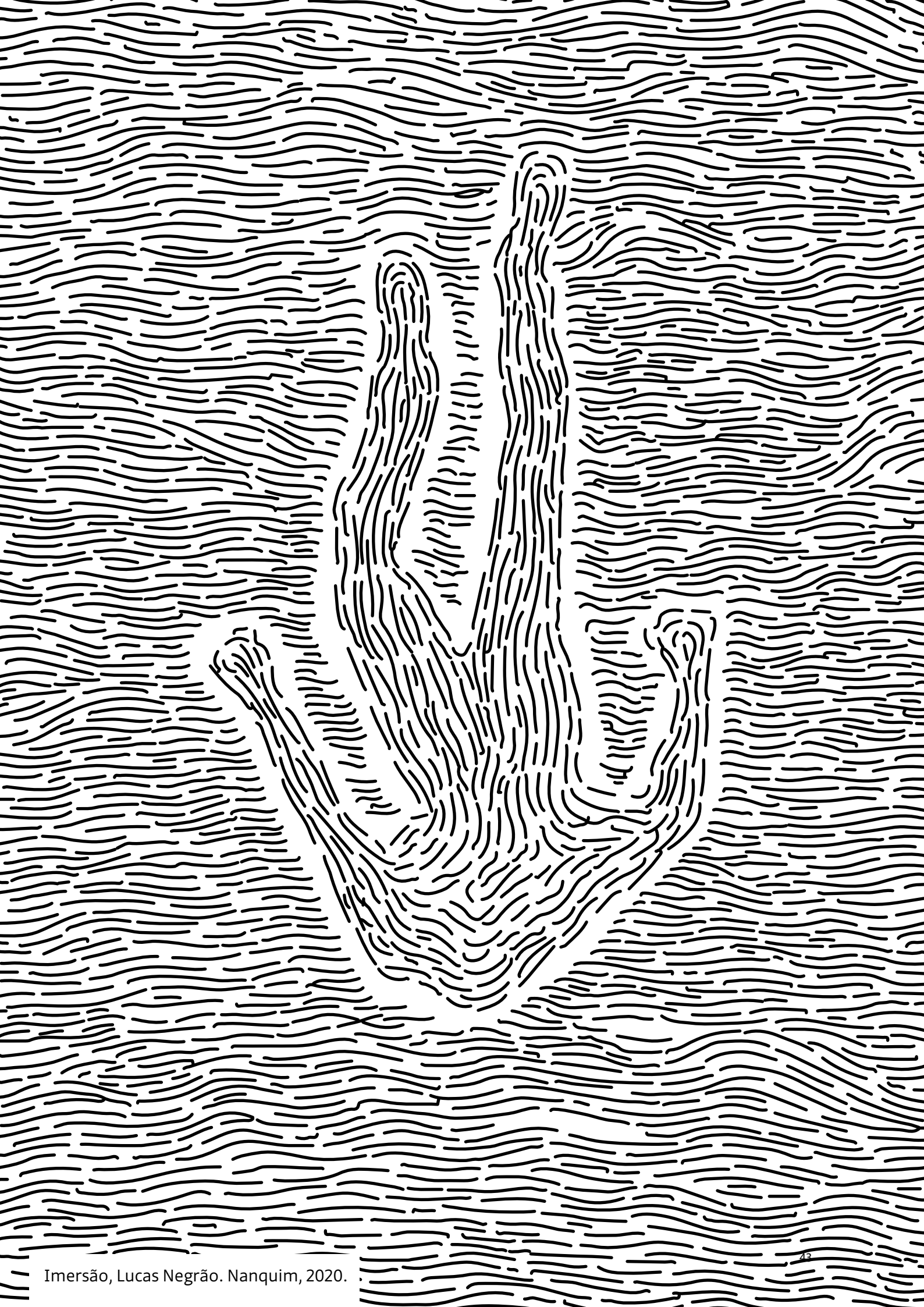
Figura 18 - Imagem de satélite da região da hidrelétrica de Belo Monte, 2020. Fonte: google earth.

Mesmo seguindo o curso dos rios, vamos encontrar a influência dos humanos em todos os lugares. (LATOURE, 2020). A reflexão anterior pode ser trazida para a minha produção artística. Em "O rio que corre em mim", um projeto de gravuras e desenhos, iniciado em 2018, construo imagens de cursos de rios em formas humanas em contextos de contato com as águas. O título do projeto direciona a reflexão para a sensibilização das relações com esses cursos d'água, que são ambiente e são corpos, extensões de nossas existências. Trago esse trabalho para dialogar com o pensamento poético em construção, nesta pesquisa, pois o mesmo já continha proto-ideias das discussões aqui apresentadas. A Amazônia corre em mim.





Somos um grande rio



The background of the entire page is a photograph of a vast, dark forest under a heavy, overcast sky. The clouds are thick and layered, with some light breaking through near the horizon, creating a moody and atmospheric scene. The forest below is dense and dark green, stretching out to the horizon.

#2

**TEORIA
E ARTISTAS**

Neste capítulo, trago as referências de obras e teorias do campo da arte que auxiliaram, com suas reflexões e suportes de criação, na concepção e produção poética, bem como na discussão sobre o tema investigado na pesquisa. Início apresentando o conceito de acontecimento a partir da definição de Gilles Deleuze, que auxiliou na construção poética do *inacontecimento*; em seguida trago as discussões sobre dispositivos, a fim de assentar a criação artística da pesquisa, para, finalmente, analisar obras de artistas na produção temática da arte e meio ambiente, compreendo o lugar de encontro dos resultados obtidos.

2.1 - Acontecimentos e inacontecimentos

O brilho, o esplendor do acontecimento é o sentido. (Gilles Deleuze, 1996)

Inaconteceu.

De fato não aconteceu. Notei um faltar nesses dias. Foram sucessivos acontecimentos que me levaram a pensar no não. No negar uma realidade de perda. Essa cidade não mais existe. E não falo nem da destruição dos palacetes, porque se fosse falar, falaria apenas disso. Falo de uma memória ludibriosa. Dessas que nos envolve em uma trama e, quando estamos em cena, ela nos apresenta a realidade mais dura de um palco: o não. Inaconteceu com o sorvete. Aquele sorvete que tomávamos juntos, que era tão alegremente expansivo. Daquela travessia na avenida. Da loja de CD's, onde comprei esse que escuto agora. Da locadora de filmes, que muito nos afagou com suas histórias. Éramos dois, sem mais. Acontecia-mos só nós dois. Aliás, essa locadora não acontece mais. Como essa cidade não acontece sem você. Ela flui, mas pesa. Pesa como essa saudade pesa no coração e nos olhos. Pesa nos olhos e transborda, como o rio quase faz nessa cidade, tenta engolir e tomar para si. Você me conhece tão bem, sabe que falo da cidade, mas sou eu. Em mim não acontece. Falta-me vontade de tudo o que não se faz de ti. Como cantar Inverno. Como assistir histórias para comentar depois. Ou ainda, reclamar da vida, mas sentir que entre nossa conexão tudo flui e faz bem. O semáforo dessa rua fechou desde que foste embora e nada mais andou, eu caminhei e tudo o que aconteceu foi amarelar e depois retroceder.

Lucas Negrão (2016)

Escrito em 18 de setembro de 2016, esse microconto foi o primeiro disparador do conceito que desenvolvo na pesquisa. O artista Alexandre Sequeira (Belém, 1961) certa vez me disse que, suas obras, partiam, quase sempre, da escrita de textos e, posteriormente, se dava a criação de trabalhos em artes visuais. Construindo este memorial de obra, noto que há uma sucessão de acontecimentos, de textos que escrevi, que me fez chegar na obra interativa-reativa “inacontecimentos”. A obra de

arte interativa-reativa compreendida como uma ação artística que envolve a participação ativa do público e reage diretamente às interações ou estímulos externos, muitas vezes em tempo real. A interatividade ocorre quando a obra necessita da participação do público interagindo com ela, a reatividade, quando a obra responde de forma sensível e imediata à interatividade dos participantes, alterando parte de sua composição. Nesse caso, trabalho com a resposta na alteração da imagem

O primeiro desses textos-acontecimentos foi o texto "inaconteceu" e, posteriormente, o texto "desacontecimentos", que se tornou uma instalação fotográfica (figura 16), a qual nomeei com o mesmo título.



Figura 19: Imagem/ns da instalação fotográfica, obra que foi exposta na Mostra Imagens contemporâneas 2022, no Sesc Ver-o-Peso, Belém-Pa, entre 10/09 a 28/10/2022.

Referencio aqui a instalação "desacontecimentos" na proposição de criar um paralelo entre os termos relacionados à "acontecimento", que surgiram poeticamente a partir de um sentimento, um derivado do outro.

O "acontecimento", para Gilles Deleuze (1969, página 152), é "o que deve ser compreendido, o que deve ser querido, o que deve ser representado no que acontece", no qual o momento presente de efetivação é o que o define e que permite discernir o futuro e o passado desse evento. O "não-acontecimento" pressupõe a não ocorrência do "acontecimento", portanto difere da definição poética do "inacontecimento", visto que o que se propõe é pensar em ocorrências que não se concluem como se espera previamente, desvio da previsibilidade do acontecimento.

Todos os corpos são causas, causas uns em relação aos outros, uns para os outros (DELEUZE, 1995). Quando penso na imagem, penso como um corpo, uma matéria de luz que se propaga no espaço, via radiações eletromagnéticas, com a penetração de um corpo em outro e, no momento da mistura, eles coexistem. A profundidade se dá na informação imagética da luz formando imagem no olho e sendo processada pelo cérebro humano e isso gera, assim, um acontecimento que altera esse corpo no próprio acontecimento, logo, uma sucessão de acontecimentos se dará. Durante a definição do que acontece, no acontecimento, Deleuze compreende duas possibilidades no evento:

De um lado, a parte do acontecimento que se realiza e se cumpre; do outro, "a parte do acontecimento que seu cumprimento não pode realizar". Há pois duas concretizações, que são como efetuação e a contra-efetuação. (Deleuze, 1998, p. 154)

Com base nessa suposição, é possível pensar o inacontecimento não como uma contra - efetuação do acontecimento, mas sim a própria efetuação do acontecimento gerando inacontecimento. O acontecimento é a ação do interator, que dispara o sensor, é afetado pelo devir da obra , que sofreu interferência da presença do indivíduo. É quando acontece o inacontecimento.

Ainda considerando Deleuze, o inacontecimento é o presente de "desapresentação" ou de apresentação outra na relação de aproximação e contato público-obra. O inacontecimento acontece e é o efeito da relação de aproximação entre corpos. Inacontecimento é a ação: 1 - presente, de olhar distante; 2 - futura, de se aproximar; 3 - e passado, na espera de ver o que acontecia antes de inacontecer. O futuro não se apresenta como o tempo presente esperava que seria. E o passado é essa prospecção do que se achava que viria a ser. O sentido dos inacontecimentos se passa na linguagem, no diálogo de ações de alteração das imagens, no evento de ocorrência do que não se espera de uma obra ao se aproximar dela.

É nesse sentido que é um "acontecimento": com a condição de não confundir o acontecimento com sua efetuação espaço-temporal em um estado de coisas. Não perguntaremos, pois, qual é o sentido de um acontecimento: o acontecimento é o próprio sentido. O acontecimento pertence essencialmente à linguagem; mas a linguagem é o que se diz das coisas. (Deleuze, 1995, p. 23)

E o evento que acontece, o inacontecimento, ocorre às coisas e é linguagem, como a diferir da definição de acontecimento de Deleuze, quando ele estabelece fronteiras de sentido na articulação corpo-linguagem e suas diferenças, afirmando que entre eles não há mistura nem reunião. No inacontecer, o corpo é parte dessa linguagem e essa relação cria sentido para a poética da obra. Essa relação entre corpo-obra amplia a dimensão com o ambiente, propondo a criação de um corpo-obra-ambiente, tal qual apresentado na filosofia da antropologia da paisagem, de Watsuji (2006), quando o mesmo diz que não é possível dissociar da paisagem o corpo e o ambiente, quando estes atuam um sobre o outro, gerando ações e reações em ambos.

O público ao participar da obra produz um “inacontecimento”, que é uma resposta da obra ao contato com o sensor. Em um primeiro contato com a obra, não se espera que ela responda e revele novas imagens, é nessa ação que o inacontecimento ocorre. A relação estabelecida entre a obra e o território amazônico é na ação de aproximação física: 1- aproximação com a obra, resultando em sua alteração; 2- aproximação no bioma Amazônia, resultando na devastação; 3- o que une essas ações é a imagem.

2.2 Imagem: pós produção e apropriação

Na tessitura de novas narrativas partindo de imagens já produzidas e utilizadas por pesquisadores das ciências ambientais, o projeto se entremeia com a teoria da pós-produção, de Nicolas Bourriaud (2009). Este nos apresenta um termo muito utilizado no audiovisual para referenciar o uso, pelos artistas, de conteúdos com forma já dada e em circulação, em suas criações artísticas, que desencadeiam outras leituras e interpretações, como uma espécie de reciclagem cultural na profusão de materiais para orientar e deduzir novos modos de produção com o que já foi realizado. Nesse caso, não interessa "o que fazer?", mas sim "o que fazer com isso?". De acordo com Bourriaud, os artistas contemporâneos programam formas com o dado previamente construído e não mais exclusivamente do elemento bruto como telas, aglutinantes e pigmentos. Ainda, para o mesmo autor, o desafio é inventar protocolos de usos para os modos de representação e estruturas formais já existentes.

O que se costuma chamar "realidade" é uma montagem. Mas a montagem em que vivemos será a única possível? A partir do mesmo material (o cotidiano), pode-se criar diferentes versões da realidade. Assim, a arte contemporânea apresenta-se como uma mesa de montagem alternativa que perturba, reorganiza ou insere as formas sociais em enredos originais. (Bourriaud, 2009, p. 83)

2.3 - Arte e Tecnologia eletrônica - digital

Das contaminações de artistas no meu processo, a relação com Roberta Carvalho influenciou primeiro a escolha em cursar Artes Visuais, depois a linha

investigativa-criativa em arte e tecnologias eletrônica-digitais. Lembro do dia que saí da aula, com 15 anos, e fui com meus pais para a cerimônia de premiação de Roberta no Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia, com o Projeto Symbiosis (2007 - presente) - uma enorme imagem humana de luz projetada em uma árvore mangueira, na Avenida José Malcher, em Belém, próximo ao Museu da Universidade Federal do Pará (figura 17).



Figura 20 - Projeto Symbiosis, de Roberta Carvalho, desde 2007.

E, desse primeiro contato com a criação de Roberta, para além do contato relacional já estabelecido, o impacto com um trabalho sofisticado e inovador me apresentou as possibilidades para os rumos da arte. Seguido a isso, veio o Festival Amazônia Mapping, o primeiro festival de videomapping do Brasil, onde trabalhei auxiliando Roberta, em 2016.

Nesse campo da arte e tecnologias eletrônica-digital, outros artistas têm experimentado e produzido obras, como Lucas Bambozzi, que utilizou sensores de ondas eletromagnéticas, computador e sistema adaptado para construir a obra *"Mobile crash: aparador de obsolescência"* (figura 18), que traz a reflexão sobre o consumo de eletrônicos e os impactos das radiações que os aparelhos de celular produzem.



Figura 21 - mobile crash v2 [obsolescence trimmer] – 2012.

Rosângella Leote, que produziu em 2013 a obra “Não se aproxime” com uso de dois vídeos sobrepostos e conduzidos a partir das mãos dos interatores em uma superfície com sensores, é outra artista que trabalha nessa direção de arte com dispositivos digitais. Na obra de Leote, a experiência se dá na tensão entre aproximar-se da tela com o vídeo e retirar as mãos da superfície, o que fazia alterar o vídeo mostrado na tela. Para a artista,

Interessa-nos os modos como os interatores lidam com as instalações artísticas contemporâneas. Essa é uma questão crucial para nós e que demanda constante investigação que inclui análise das relações entre Arte, Ciência e tecnologia e a percepção dos interatores nestes terrenos transduzidos e contaminantes. (LEOTE, 2015, p. 34)

A obra de Leote foi descoberta por mim após a concepção do atual projeto e os procedimentos semelhantes só me fizeram prosseguir na proposta poética de interatividade com o público.



Figura 22 - obra "Não se aproxime", de Rosangela Leote, 2013.

Da mesma forma que a instalação "Iceberg" (2018) (figura 20), do artista Fernando Velázquez (Montevideo, 1970), se apresenta ainda mais próxima da proposta que executei em termos técnicos de interferência do público nas imagens. O processo da obra que produzi é bem semelhante ao de Velázquez, mas as poéticas entram em caminhos opostos.

A instalação de Velázquez é composta de uma estrutura de madeira construída em formato de *iceberg* que, ao ser adentrada se vê imagens digitais de *icebergs*, e, enquanto o corpo humano passa pelas telas, elas se apagam. O procedimento é bem parecido com a obra "Inacontecimento", mas se difere na medida poética da interação corpo-ambiente. Apesar da referida obra não ter contaminado o processo de criação desta pesquisa, ela se torna referência quando propõe uma interação nos moldes de procedimentos tecnológicos e ao levantar uma reflexão sobre as mudanças climáticas.

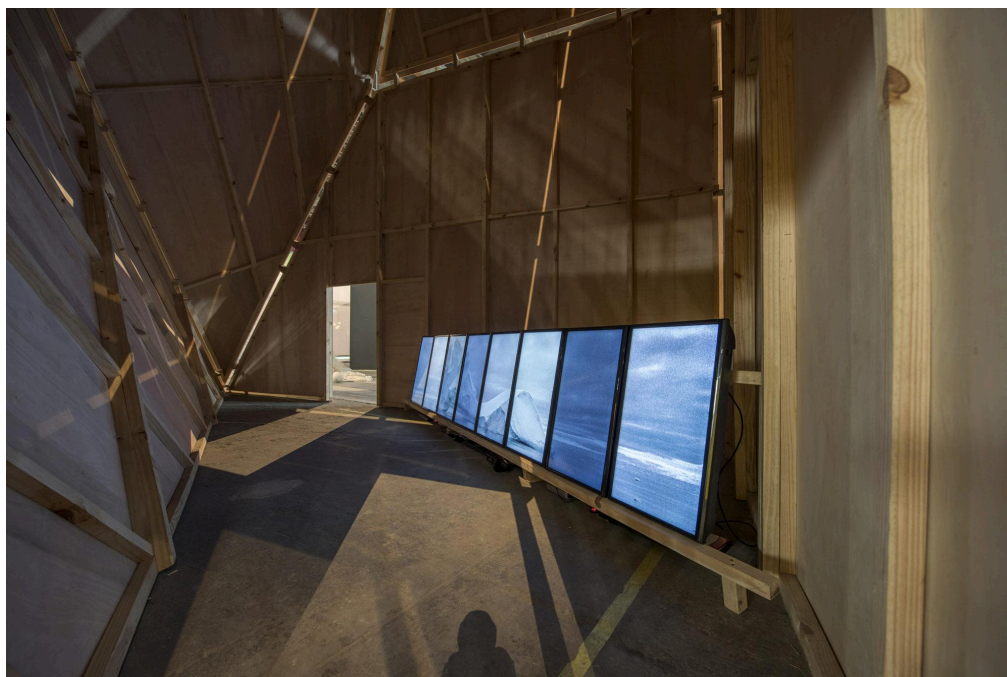
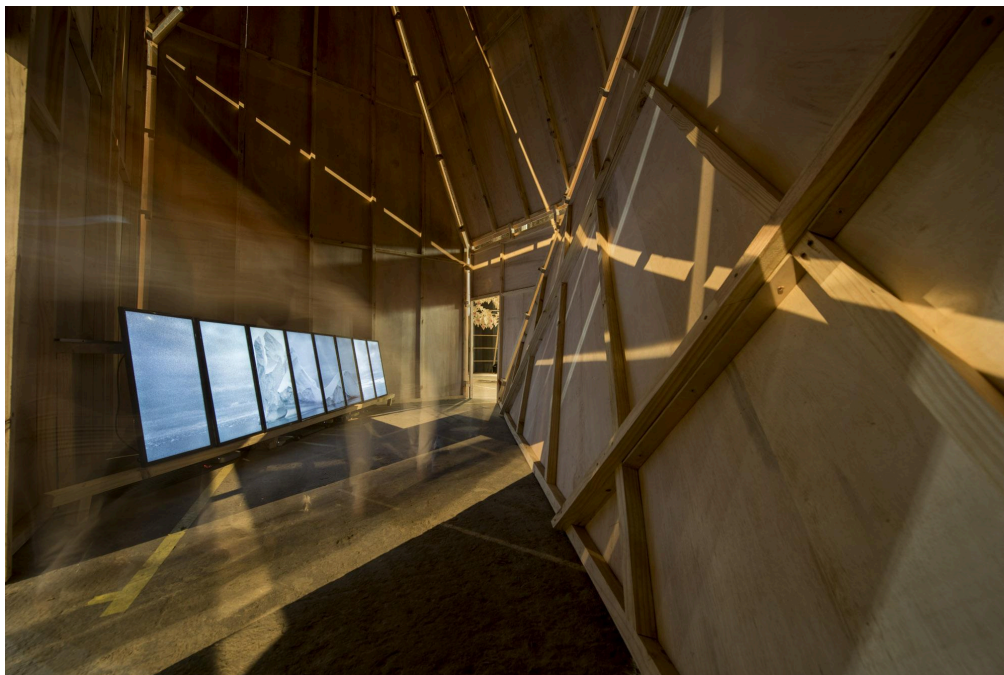


Figura 23 - Iceberg, interactive installation, Fernando Velázquez, 2018 (wood structure, 8 monitors, 4 computers, kinect.)

2.4 - Desacontecimentos

D'outra vez irrompi mais um abandono. Desacredito que haveria vida em desviver. Nem desviver, se o contrário de viver já é pertinente. Aquela intervenção em concreto acontecia reviver. Ocupações pós-abandonos. E não falo das plantas que por primeiro o habitaram, não se lia mais por entre aquelas histórias o passado. Rizomas se multiplicando por entre o desteto. Aquele esqueleto se reconfigurando, ludibriando as memórias, sem telhado. Contava para aquele lugar sobre o meu passado, o que queria desacontecer. Como soprar o sofrimento em escalpe. Não acontecia. Sozinho soprar a dor compartilhada, planos sem conclusões. E havia o plano de soprarmos juntos por aquele lugar. E aquele lugar nunca fora um lugar nosso. Havia sido meu e de meu sopro ainda. E esperava alguém sentar naquela cadeira, que não eu e meu sopro. Percorria as inscrições no muro buscando alguma lembrança que pudesse apagar, passar a cinza e deixar novas inscrições e novamente passar apagamento e o ciclo da memória resignificada leva a loucura de se perguntar sobre a irreabilidade do sentir lembrar, do sentir dor. Na via não haviam nossas inscrições, ainda que aquela paisagem remetesse a lembrança. Soprar ali fariam os carros levarem aquilo tudo, perguntava pra dentro. Pra fora tudo queria ir como os carros. Feito luz visível correndo. E a paisagem se fazia no rio e nas formas geométricas da instituição do passado. E pensava em que forma estávamos presos. Construimos o passado no mais passado da cidade. Construções sobre construções, de memória entrelaçada.

Lucas Negrão (2016)

Primeiro *desaconteceu* antes de *inacontecer*. O texto "*Desacontecimentos*", citado acima, desdobrou rapidamente em fotografias (figura 21 e 22) e, posteriormente, em instalação fotográfica (figura 23), para então prosseguir com a proposta de traduzir o sentimento de coisas que não estavam acontecendo como se esperava comumente.



Figura 24 - Imagem/ns da instalação fotográfica, obra que foi exposta na Mostra Imagens contemporâneas 2022, no Sesc Ver-o-Peso, Belém-Pa, entre 10/09 a 28/10/2022.

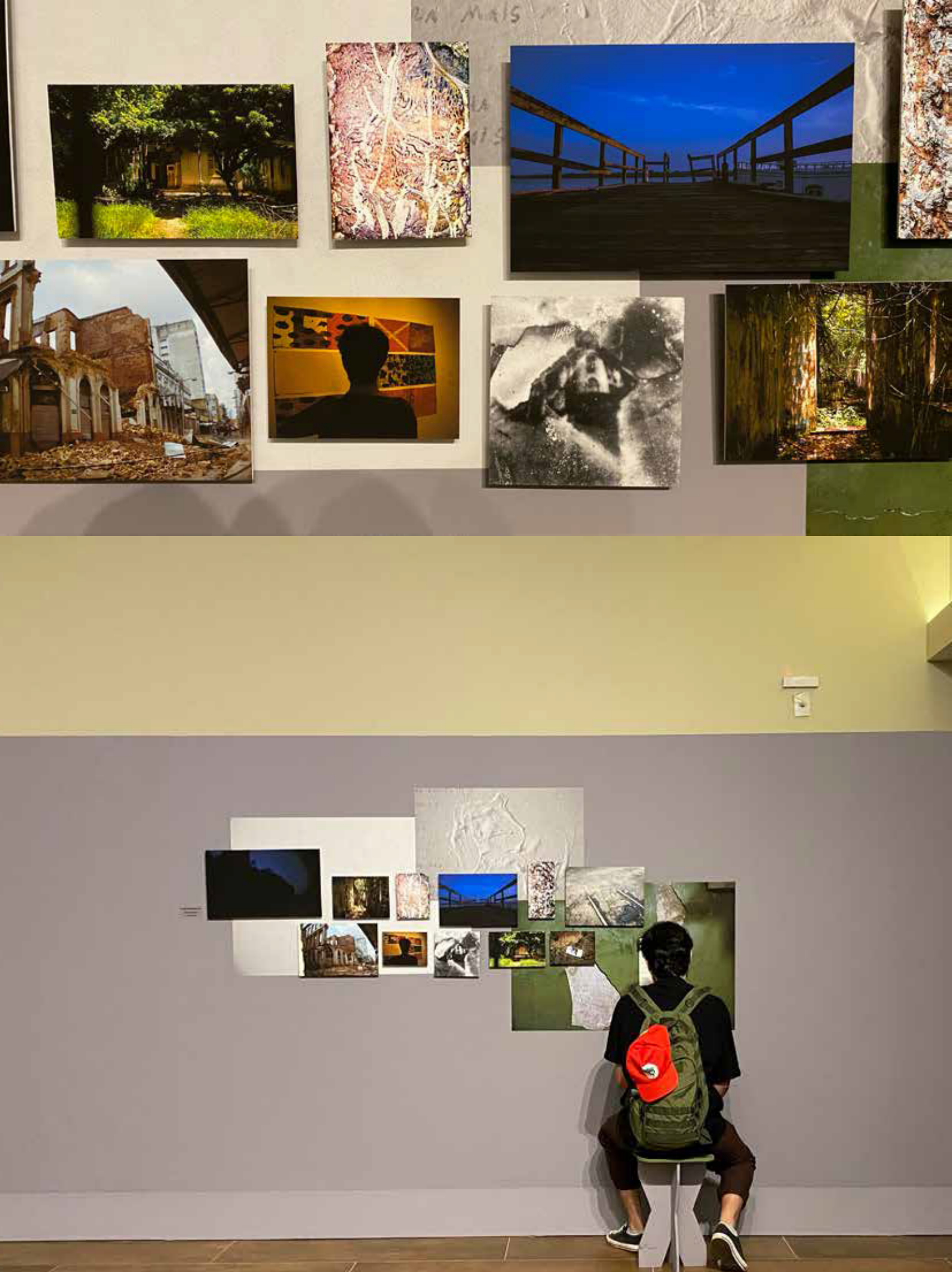


Figura 25 - Imagem/ns da instalação fotográfica, obra que foi exposta na Mostra Imagens contemporâneas 2022, no Sesc Ver-o-Peso, Belém-Pa, entre 10/09 a 28/10/2022.



Figura 26 - Imagem/ns da instalação fotográfica, obra que foi exposta na Mostra Imagens contemporâneas 2022, no Sesc Ver-o-Peso, Belém-Pa, entre 10/09 a 28/10/2022.

Em seguida, escrevi mais um conto com o objetivo de compreender outro sentimento, o texto "inacontecimentos", citado no subcapítulo 2.1, surgiu da reflexão a respeito das ocorrências que não se concretizam como se imaginava. Busquei traduzir essa ideia em um dispositivo interativo-reativo que alterava o possível fluxo de movimentação em um espaço expositivo e também da exibição da imagem para o público.

2.5 Amazônia Desvelada



Figura 26 - Registro da exposição Amazônia Desvelada, 2023, por Irene Almeida.

Essa pesquisa curatorial tem sua origem em 2021, quando surge a necessidade de trazer a temática Amazônia do ponto de vista político-crítico e não apenas do imaginário ou da poética cultural presente no território. O primeiro rascunho produzido com a lista de artistas e obras foi realizado em 2021, durante uma provocação no coletivo Pororoka, coletivo de midiativismo e ativismo o qual sou co-fundador. A partir dessa provocação, pensamos como poderíamos ampliar os debates sobre os projetos de exploração predatória na Amazônia de forma que não fosse um seminário, uma palestra ou outras formas mais tradicionais de discussão. O resultado apresentado contempla artistas exclusivamente da Amazônia e que discutem a questão da violência e de desastres ambientais, mas sobretudo revelam a luta e a resistência dos povos amazônidas.

O texto de abertura da exposição direciona a atenção do público para o que há além das imagens, para a própria história da Amazônia, e foi escrito por mim e por João Pedro Galvão Ramalho¹⁵, também do coletivo Pororoka.

Retirar o véu do olhar sobre a Amazônia como apenas a riqueza de fauna e flora, cultura e ancestralidade, para imergir nos impactos de projetos de exploração predatória nos rios e matas, assolando comunidades tradicionais, povos originários, o bioma como um todo.

Os trabalhos presentes em Amazônia Desvelada colocam luz sobre a construção de hidrelétricas e as inundações, o desmatamento e o genocídio de povos indígenas, o eminente projeto de exploração de petróleo na Amazônia, os direitos de povos indígenas, as lutas dos movimentos sociais e suas pautas, a história das mulheres atingidas por barragens.

Refletir sobre a dimensão profunda dos impactos sociais e ambientais presentes no território amazônico é também um convite à luta em defesa dessa paisagem, que é indissociável da mútua relação entre corpo e ambiente. Sofremos os impactos desse ambiente sobre nós e agimos sobre esse ambiente. O convite é na construção de uma vida ecologicamente equilibrada e socialmente mais justa.

(Texto de abertura da exposição Amazônia Desvelada, escrito por João Pedro Galvão Ramalho e Lucas Negrão).

A mostra inicia com o poema de Márcia Kambeba (Amazonas, 1979), escritora indígena residente em Belém:

IUIRIA

Muki Uka tana usutá iquiriar.
Ruaia manuta juiúia rana tana itipu.

Tradução:

Com a nossa casa vou sonhar.
Não apague a mata ela é nosso lugar.

O esplendor da grande floresta
Que o fogo desbotou,

¹⁵ * João Pedro Galvão Ramalho, historiador (UnB). Mestrando em Planejamento do Desenvolvimento no PPGDSTU do NAEA/UFPA. Integra o Grupo de Pesquisa ReExisTerra (CNPQ). Faz parte do Fórum Social PanAmazônico (FOSPA). E-mail: joao.pedro580@gmail.com

Abafo com a fumaça
O grito que ela soltou.

Violentaram sua pureza,
E como vítima de assédio,
Viu um cedro virar prédio.

E o solo transformou-se
Em asfalto de trator,
Compactaram seu coração,
Meu verde virou carvão.

Mas a mata é nossa casa,
Uka tana é um clamor.

Márcia Kambeba.

O poema de Kambeba nos fala de uma mata em extinção, em chamas, da floresta que é a casa de seu povo e de tantos outros povos da floresta. Os dados já apresentados do fogo na Amazônia demonstram a realidade escrita pela artista e dão o tom, a partir da imagem verbal, das discussões da exposição. A obra foi apresentada impressa em um tecido e instalada na parede.

Quando uma floresta é queimada são os corpos dos povos da floresta que também queimam, são suas casas, suas terras, seus animais que são impactados, como é possível aferir na obra *Natureza Morta*, 2016, de Denilson Baniwa (Barcelos, AM, Brasil, 1984). A obra é uma visão aérea de uma região onde parte da cobertura vegetal parece ter sido destruída pelo desmatamento, a imagem que se forma desta destruição é de um corpo indígena prostrado ao chão, fazendo das árvores mortas a imagem de um indígena morto. Além disso, é possível trazer os dados de violência contra povos indígenas e de violência contra lideranças do campo, sendo mais um ponto de discussão sobre a realidade amazônica na residência e luta pela preservação do bioma.



Figura 27 - Natureza morta 1, Denilson Baniwa, 2016.

Seguindo a temática da vida e resistência indígena, o trabalho "antigamente fomos muitos" produzido por Armando Queiroz, Almiros Martins e Marcelo Rodrigues, é uma ação política em depoimento oral de Almiros, indígena do povo guarani, o qual reflete sobre o papel que é conferido por não indígenas aos povos indígenas,



Figura 28 - Frame de vídeo "YMÁ NHANDEHETAMA (antigamente fomos muitos)", de Armando Queiroz, Almires Martins e Marcelo Rodrigues, 2009. Acesso em <https://vimeo.com/117503392>

Uma das lideranças assassinadas por defender a preservação da Amazônia é Chico Mendes, ativista político que lutou a favor dos seringueiros da Bacia Amazônica, cuja subsistência dependia da preservação da floresta e das seringueiras nativas e que foi assassinado sob escolta de policiais em dezembro de 1988. A história de Chico Mendes tem, inclusive, reverberado em produções artísticas contemporâneas. É o caso da obra produzida por Roberta Carvalho durante a Semana Chico Mendes 2022 para celebrar a presença viva do ativista. Projetadas sobre as árvores das florestas amazônicas, as intervenções, feitas em vídeo mapping, fazem a simbiose entre imagem e a mata, sugerindo que somos natureza e integram o projeto Symbiosis, realizado pela artista desde 2007.



Figura 29 - Chico Mendes é a Floresta! (2022), Projeto Symbiosis (desde 2007), Roberta Carvalho.

Os projetos de exploração predatória na Amazônia geram impactos sociais e ambientais irreversíveis, são propostas de exploração predatória dos recursos naturais da região, que mais destroem do que de fato geram desenvolvimento para os atingidos pelos projetos. As obras de Miguel Chikaoka, Paula Sampaio e Cláudia Leão foram produzidas dentro desse contexto de barragens hidrelétricas e exploração de minério.



Figura 30 - Acampamento de famílias expropriados pela construção da UHE de Tucuruí, 1984. Miguel Chikaoka.



Figura 31 - Cava da extração de minério de ferro. Serra dos Carajás, 1991. Miguel Chikaoka.



Figura 32 - Garimpeiro na beira da cava de extração de ouro. Serra Pelada , 1988. Miguel Chikaoka.

Com um acervo de imagens documentadas de momentos históricos na Amazônia, Miguel Chikaoka revela o garimpo em dois momentos: em Serra dos Carajás ¹⁶ e a incisão geográfica na paisagem, são as escavações para realizar a retirada de ouro; e em Serra Pelada¹⁷, na imagem de um trabalhador.

Na imagem "Acampamento de famílias expropriados pela construção da UHE de Tucuruí" (1984) de Chikaoka, vemos uma faixa dos moradores da área afetada pela

¹⁶ A Serra dos Carajás, no sudeste do Pará, é uma região rica em recursos minerais, especialmente ferro, cobre, manganês e ouro. Abriga a maior mina de ferro a céu aberto do mundo, explorada pela Vale S.A. Além de sua importância econômica, a área faz parte da Floresta Nacional de Carajás, uma unidade de conservação que protege a biodiversidade da Amazônia.

¹⁷ Serra Pelada, localizada na mesma área do que hoje se chama Serra dos Carajás, foi um dos maiores garimpos a céu aberto do mundo nas décadas de 1980 e 1990. Movida pela febre do ouro, atraiu milhares de garimpeiros em condições precárias. O local se tornou um símbolo da exploração humana e ambiental na Amazônia.

inundação da barragem da hidrelétrica de Tucuruí questionando para quem é esse progresso?



Figura 33 - Projeto Lago do Esquecimento (2011-2013), de Paula Sampaio.

O trabalho de Paula Sampaio responde ao questionamento presente na fotografia de Miguel quando traz a imagem de uma floresta inteira inundada. É a área alagada pela barragem e que mostra somente galhos secos e água: as pessoas que ali moravam também não estão mais. Paula conta sobre uma experiência que viveu durante os mais de 10 anos fotografando a região de Tucuruí:

E o que aconteceu com Tucuruí foi muito incrível, porque boa parte dessas pessoas que vivem lá, elas perderam absolutamente tudo, algumas perderam inclusive familiares e isso não é dito, mas quando começou o alagamento muita gente não conseguiu escapar, então elas perderam todas as casas com tudo o que tinha dentro e boa parte delas ficou sem nada e eles migraram pro topo das ilhas que também não tinha nada. E nesse nada eles começaram a se reconstruir, mas parte deles enlouqueceu. E aí quando eu voltei, da terceira vez que eu voltei, eu entrei no lugar onde eles eram tratados e assim, eu fui numa sessão que tinham 85 pessoas. (trecho de fala de Paula Sampaio na Faculdade de Artes Visuais, 2016.)

Mais recentemente, em um projeto de hidrelétrica no Rio Xingú, em 2014, a obra de Claudia Leão dialoga com o trabalho de Paula e de Miguel, quando a pesquisa da artista documenta a residência dos moradores atingidos pela construção da barragem hidrelétrica de Belo Monte, projeto que afetou não só a vivência dos moradores, sobretudo pescadores, mas também do próprio rio xingu que está com a fauna comprometida. O trabalho de Cláudia é composto de uma imagem fotográfica com um áudio onde a artista narra a situação que está vivenciando na região de Altamira.



Figura 34 - Ilha queimada, Volta Grande do Xingu, Cláudia Leão, 2015. Link com áudio instalado com a obra:

https://drive.google.com/file/d/16Kw55i8CuYVv-dPi4BkHpLil_mMWVBgk/view?usp=share_link

O projeto das Arpilleras do MAB é desenvolvido pelo Movimento de Atingidos por Barragens (MAB) e tem referência na produção chilena dos anos 1970 e 1990 em que as mulheres usavam a técnica de costura de retalhos de tecidos sobre juta para

denunciar as atrocidades cometidas pela ditadura de Augusto Pinochet. As mulheres brasileiras atingidas por barragens costumam denúncias de violações ambientais, sociais, culturais e de direitos humanos, relacionadas ao modelo de produção energética adotado pela política brasileira ao qual são submetidas à diversas formas de violência física e psicológica. As obras expostas na Amazônia Desvelada são uma seleção de trabalhos recentes acerca dos problemas sofridos por projetos de Belo Sun, Belo Monte, pandemia da COVID 19 e também refletem sobre a construção de lutas das mulheres em defesa da vida.



Figura 35 - Montagem das obras Arpilleras do MAB.

O trabalho *Óleo sobre Selva* (2023) foi produzido por Francisco Sidou, a partir de uma encomenda solicitada por mim, para que pudéssemos visualizar imagens criadas por inteligência artificial projetando como seria um vazamento de petróleo no litoral da Amazônia. A obra é uma provocação ao projeto de exploração de petróleo na Amazônia atlântica, projeto que ganhou força durante o governo Lula (2023) e que segue em desenvolvimento. Para a proposta, realizei um roteiro a

partir de estudos dos impactos que um possível vazamento de petróleo causaria no litoral da Amazônia mas também no rio Amazonas, afetando o mangue, um ecossistema frágil e que seria muito afetado por uma situação de vazamento de petróleo.



Figura 36 - Série Óleo sobre Selva, Francisco Sidou, 2023.



Figura 37 - Série Óleo sobre Selva, Francisco Sidou, 2023



Figura 38 - Série Óleo sobre Selva, Francisco Sidou, 2023



Figura 39 - Série Óleo sobre Selva, Francisco Sidou, 2023.



Figura 40 - Série Óleo sobre Selva, Francisco Sidou, 2023.

Além das problemáticas de extração mineiros, da contaminação de rios, dos altos riscos das barragens de rejeitos de mineração, a situação dos trabalhadores de mineradoras é o foco da obra "Nas tramas da vida, a ferida da terra" (2012) de Lu Peixe. Nas fotografias, Lu registra o uniforme de trabalhadores em placas e vias próximas às empresas, trazendo para discussão as condições de trabalho ao qual estão submetidas essas pessoas.



Figura 41 - Nas tramas da vida, a ferida da terra, Lu Peixe, 2012.



Figura 42 - Nas tramas da vida, a ferida da terra, Lu Peixe, 2012.



Figura 43 - Nas tramas da vida, a ferida da terra, Lu Peixe, 2012.

Em agosto de 2023, ocorreu em Belém a Cúpula da Amazônia, uma reunião com chefes de Estado dos oito países integrantes da Organização do Tratado de Cooperação Amazônica(OTCA): Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname e Venezuela, e paralelamente a esse evento, de chefes de estado, os movimentos sociais junto a povos indígenas e sociedade civil organizaram a Assembleia dos Povos da Terra Pela Amazônia, com sede na Aldeia Cabana, com reuniões de organização de luta e resistência. As artistas Lenu e Leviana e eu propusemos a criação coletiva de pinturas em tecido para serem costuradas e formarem uma grande tapeçaria. A ação contou com militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Movimento dos Atingidos por Barragem, Movimento de Atingidos por Mineração e de povos indígenas presentes no evento. A obra se constitui de frases e símbolos de diversas lutas de resistência à projetos de exploração e destruição na Amazônia.

Registros da exposição e conversas com movimentos sociais:







#3
INACONTECIMENTO,
AMAZÔNIA: A OBRA

Neste capítulo apresentarei o processo de criação, concepção e resultados das obras desenvolvidas durante esta pesquisa. A estrutura deste capítulo está dividida de acordo com os seguintes tópicos: 3.1) Projeto: Criação e concepção, em que exploro os elementos iniciais da criação; 3.2) Acervo de imagens, dissertando acerca das fotografias utilizadas para constituição do banco de dados para uso na criação da obra.; 3.3) Inacontecimento, Amazônia, em que discuto a obra finalizada e instalada no contexto da exposição Amazônia Desvelada; 3.4) Inacontecimentos, Amazônia, trazendo a instalação que foi prêmio FCP de Incentivo à Arte e à Cultura 2023.

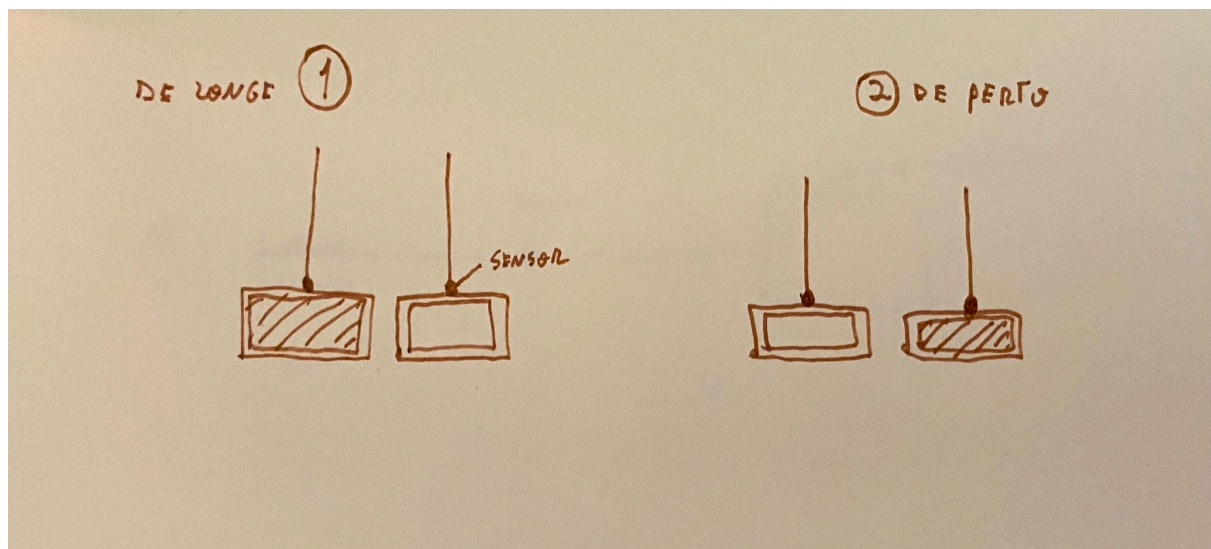


Figura 44 - Ideia inicial da proposta de obras, de longe uma imagem é exibida, de perto outra imagem é exibida.

3.1 - Projeto: criação e concepção

Ao longe, vê-se uma fotografia da paisagem amazônica de área preservada. Porém, ao se aproximar dela, outras imagens de uma área degradada aparecem na tela. A aproximação e o afastamento diante da obra produz a interação das imagens exibidas. Quanto mais capta movimento, mais imagens de uma Amazônia degradada são exibidas.

A partir da discussão sobre instalações interativas, de Milton Sogabe (2010), na qual são definidos os elementos espaço, público, interfaces, gerenciador digital, dispositivos e os processos físicos de evento, interação e processamento de informações com entrada e saída de sinais, descrevo e analiso a presente instalação.

O espaço expositivo para instalar a obra precisa ser protegido de chuva e sol, mas pode ser em local escuro ou claro, uma sala única com a obra ou com outras obras, de maneira que não se note a interface interativa, para que a experiência da surpresa, da dúvida e da reflexão ocorra no contato com a obra. A área de interação no espaço é definida partindo da área que se tem disponível, do tamanho da imagem, seja projeção ou televisão, e disso, faz-se o ajuste de sensibilidade do sensor. Não há nenhuma orientação sobre interações ou marcações de áreas interativas nesse espaço, sugerindo o acaso na interação. A obra atua em uma área de 2m por 2m, espaço de atuação do sensor.

Diante do espaço, o evento se dá mesmo à distância, quando o público visualiza uma imagem, seja na projeção, seja na televisão. A imagem que se vê antes da interação é sempre uma imagem de áreas preservadas na Amazônia, ou áreas anteriores a ações humanas nesse ambiente natural. Inicialmente pensada como uma "isca", essa imagem deveria ter dimensões reduzidas, a fim de despertar o interesse, motivar a movimentação e a aproximação do público para que a interação com a obra ocorra. Apesar da ideia inicial ser uma instalação com sons e vídeo interativos, isso ainda não foi possível com a programação do dispositivo. Para que isso aconteça, é preciso que haja a construção de um programa mais complexo que abarque essas ferramentas, ficando para pesquisa posterior.

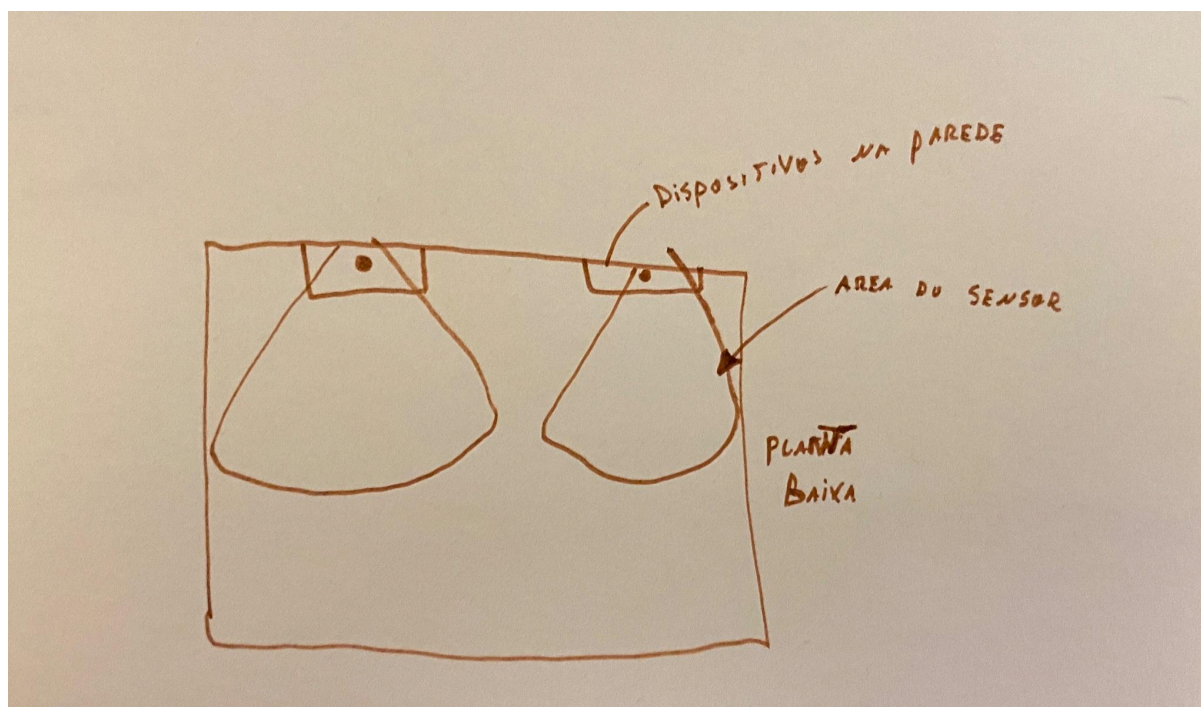


Figura 45- Rascunho de planta baixa da montagem com área de atuação de sensores.

Inicialmente, o público não percebe que a obra pode ser afetada com a aproximação de corpos humanos, até que o interator entre no campo sensível abarcado pelo dispositivo e, este, envie o sinal para que o sistema processe o programa. O aspecto visual da obra é o que chamará o público para essa movimentação no espaço e o "acontecimento" da alteração da imagem é a ação de interação proposta na reflexão do projeto. De forma que sem a aproximação, a obra não se altera e não se atualiza, ela não acontece.

De acordo com os graus de relação entre público e obra (SOGABE, 2010), uma forma de compreender as diferentes camadas de envolvimento que o público pode ter com uma obra interativa, especialmente aquelas que utilizam tecnologias digitais e eletrônicas, existem três graus para definir uma obra: 1 - Primeiro Grau: O público contempla a obra de forma passiva (contemplativa); 2 - Segundo Grau: O público interage com a obra e a transforma (interativa). 3 - Terceiro Grau: A obra reage ao público, criando um ciclo de influência mútua (reativa).

A obra "inacontecimentos, amazônia" se insere no terceiro grau, no qual a virtualização das informações e acontecimentos são processados com a presença do público na instalação. Uma ou mais pessoas sem movimentação na área sensível leva à imagem primeira, vista inicialmente de longe, de um ambiente natural preservado na Amazônia. Ao passo que, na movimentação captada pelo sensor, a imagem exibida é a de um ambiente natural degradado ou em vulnerabilidade na Amazônia.

Priorizou-se imagens factuais desses ambientes, seja de fotografia ou satélite, mas há a possibilidade de desdobramento para uso de dados de imagens de áreas em estudo para implantação de mineração ou hidrelétrica, por exemplo.

Nesta pesquisa, me limitei à utilização de imagens estáticas, por questões técnicas de limitação da placa processadora, mas é algo que seguirá em experimentação mesmo ao final da pesquisa. Outra proposta surgida para incrementar a obra é a possibilidade de disparo de *e-mails* cada vez que o sensor detectar um movimento, podendo, assim, cobrar autoridades a respeito de projetos de leis em andamento a fim de pressionar sempre pela preservação do meio ambiente, procedimento esse comum em movimentos de defesa do clima. Junto a essa ideia também haveria um indicativo na entrada do espaço expositivo informando sobre essa ação.

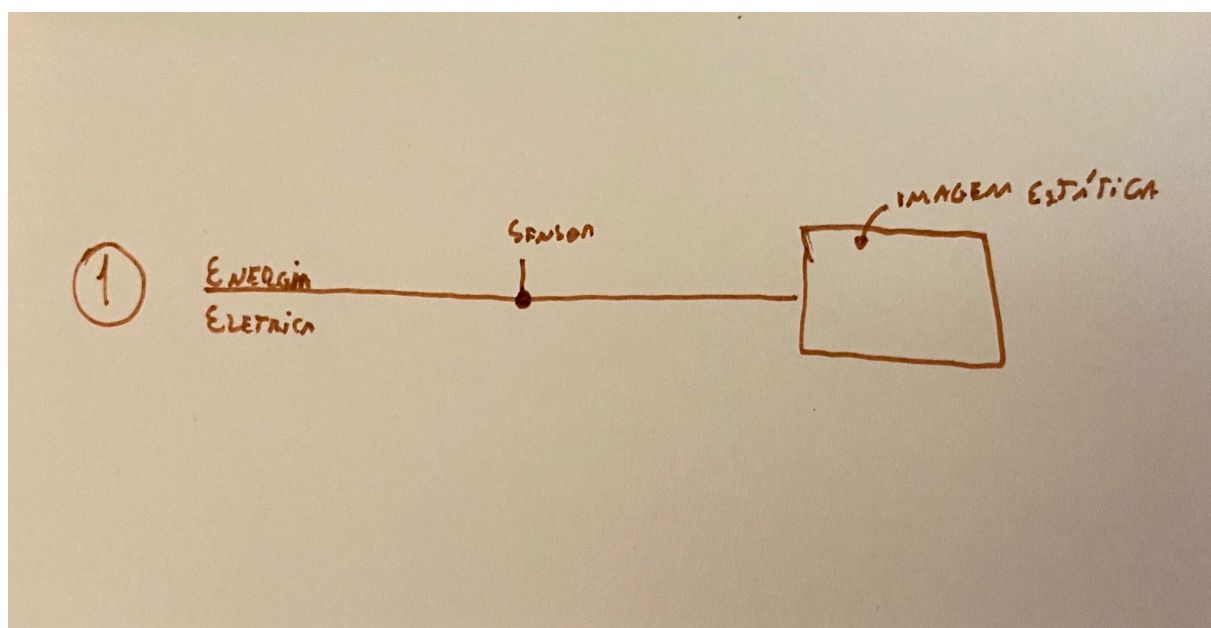


Figura 46 - Rascunho de montagem elétrica das obras.

A interação ocorre entre público/imagem digital, por meio do sistema de sensor/processamento da imagem. Neste projeto, a interface de interação, ao meio ou dispositivo através do qual o público pode se engajar e interagir com uma obra de arte, alterando sua forma, conteúdo ou significado, será a própria movimentação do corpo do público na área sensível, sem o uso de botões ou demarcações de área no espaço. A utilização de placas explicativas ou direcionamentos não se encaixa na proposta instalativa, pois rompe com a reflexão acerca da experiência da mudança silenciosa, porque não tem som, e sutil da imagem projetada.

O circuito do dispositivo é realizado através de um sensor PIR, conectado à placa micro-processadora Raspberry, que é gerenciado digitalmente no Python através de programação específica criada para o dispositivo/obra operar. O sensor capta a informação de presença através do infravermelho de calor e envia ao Raspberry, que, por meio do Python - a linguagem de programação utilizada, realiza a leitura da informação sobre qual imagem apresenta em tela (ver figura Z).

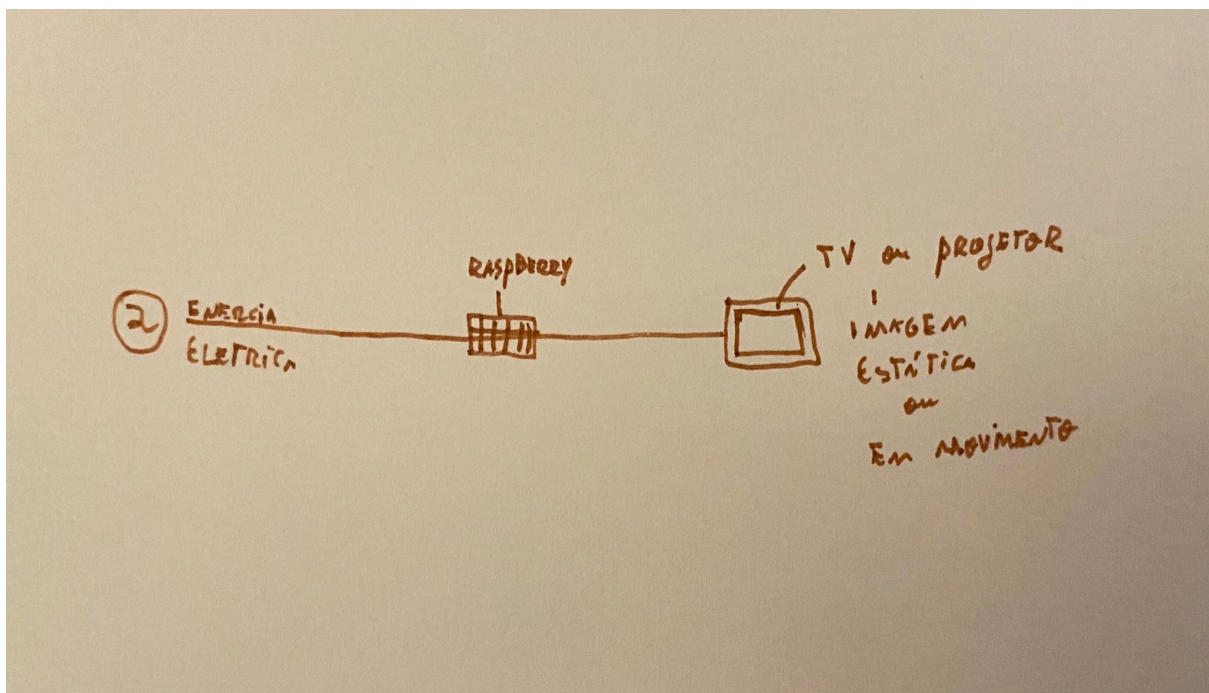


Figura 47 - Rascunho de modo de operação de obra com placa microprocessadora.

Materializando as operações, o dispositivo utilizado, como já foi falado, seria uma tela digital ou projetor, exibindo uma imagem em pequenas dimensões como 30x40cm ou 20x30cm, de modo que o público precisasse se aproximar para visualizar a imagem e, assim, interagisse provocando a alteração da mesma. Pensou-se que imagens projetadas em grandes formatos, como em paredes inteiras, funcionaria com imagens em movimento, porém, como um desdobramento do que se propõe no presente projeto.

Uma imagem em pequena dimensão força que a pessoa se aproxime da obra para enxergá-la, é uma imagem da Amazônia preservada. A partir do momento em que a pessoa se aproxima para visualizar melhor a obra, ela se altera e não revela o que antes exibia, ela passa a mostrar uma imagem da Amazônia destruída, degradada. A escolha por essas dimensões é parte do procedimento metodológico e influencia diretamente na experiência da obra.

3.2 - Acervo de imagens:

O acervo de imagens utilizadas na instalação consiste em imagens fotográficas produzidas por mim e em imagens de satélites. O acervo foi organizado segundo as seguintes categorias: Pasto e soja; Lama; e Cinzas.







Figura 50 - Acervo: A Amazônia está virando pasto e soja - Baixo Tapajós, 2022. Fotografias de Lucas Negrão



Figura 51 - Acervo: A Amazônia está virando pasto e soja - Baixo Tapajós, 2022. Fotografias de Lucas Negrão



Figura 52 - Acervo: A Amazônia está virando pasto e soja - Baixo Tapajós, 2022. Fotografias de Lucas Negrão⁹⁴



Figura 53 - Acervo: A Amazônia está virando pasto e soja - Baixo Tapajós, 2022. Fotografias de Lucas Negrão



Figura 54 - Barcarena, 1969/ 2023. Barragem de mineração da Hydro - Google Earth

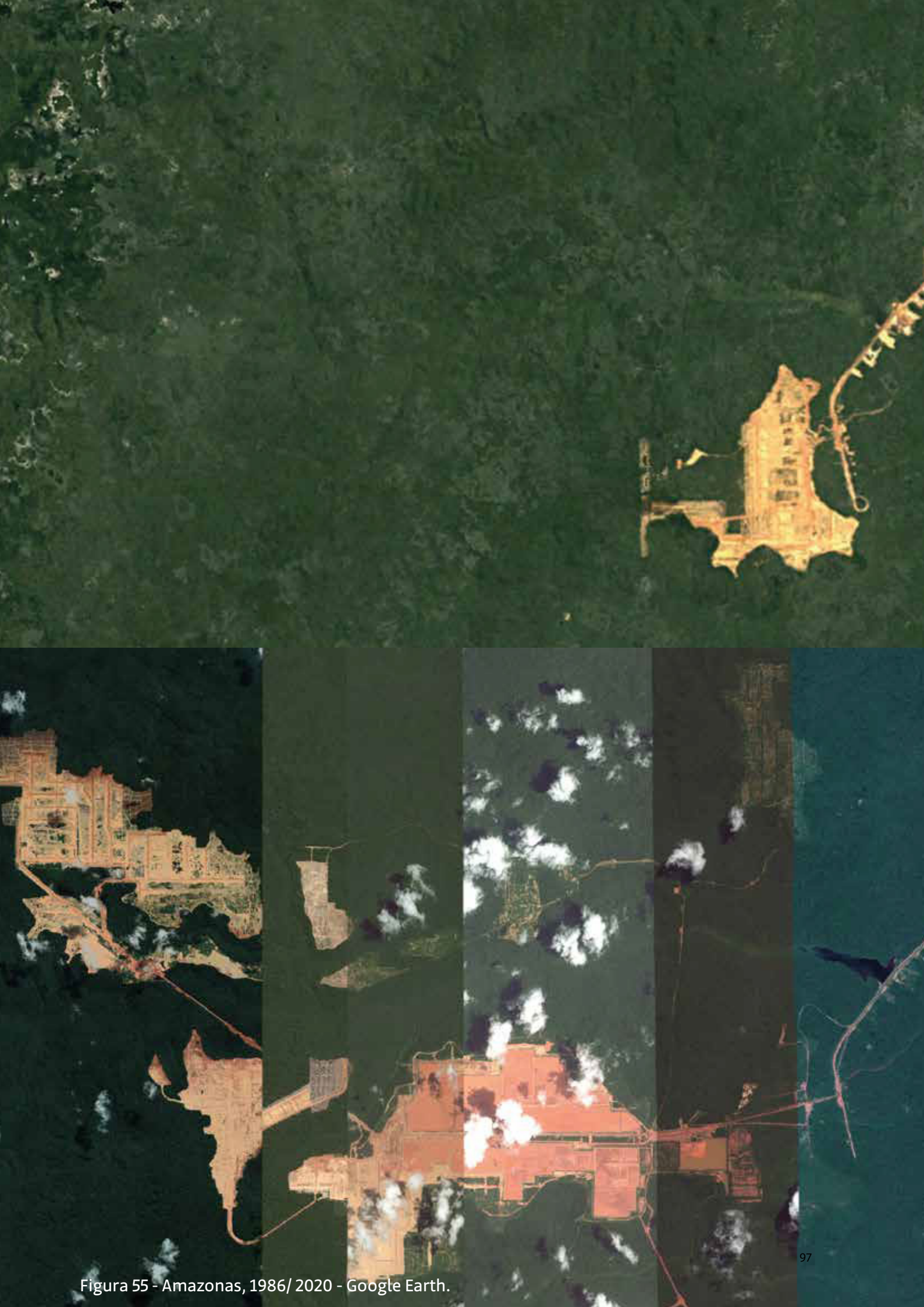


Figura 55 - Amazonas, 1986/ 2020 - Google Earth.



Figura 56 - Acervo: A Amazônia está virando pasto e soja - Macapá, 2023. - Fotografias de Lucas Negrão⁹⁸







3.3 - inacontecimento, amazônia.

Link do video: <https://vimeo.com/manage/videos/867331129>

Para o dia em que se comemora ou se intensifica o debate da Amazônia, o Coletivo Pororoka de ativismo, o qual sou integrante, produziu a exposição Amazônia Desvelada (2023), na Associação Fotoativa (Belém, PA), projeto concebido por mim, para debater os impactos dos projetos de exploração predatória na região. Para a ocasião, além de curadoria, a obra “inacontecimentos, Amazônia”, a proposta eletrônica e ainda em fase experimental, foi montada com uma projeção e com o sensor no centro do espaço. Para a montagem, o recurso técnico utilizado foi a programação em Python¹⁸, processado por um Raspberry ¹⁹que estava conectado com um sensor PIR²⁰ e ligado a um projetor de imagem.

Defino a obra em caráter experimental, pois o sensor no meio da sala e a imagem em grandes proporções fugiam da ideia inicial. O resultado foi uma obra em que as pessoas pouco notaram a interatividade e pouco se aproximaram, criando novos parâmetros para as montagens seguintes.

A obra “inacontecimentos” é composta por uma placa processadora, um sensor PIR de presença e uma tela digital para exibição da imagem fotográfica. A placa é um microcomputador medindo 10x15cm que possibilita a prototipagem com sensores e dispositivos periféricos para programação, muito utilizado em robótica. A escolha por essa placa foi em virtude do tipo de processamento e da capacidade da mesma em realizar tarefas mais densas. No projeto, utilizei uma placa Raspberry Pi 4 Model B com uma memória RAM de 2 Gb, processamento de 1.5GHz, conexões por Bluetooth e Wi-Fi, sem fio, e HDMI com fio, entendendo que seria possível experimentar mais possibilidades com um sistema mais robusto tecnicamente. Com sistema operacional aberto Linux (Raspbian), e diversas aplicações já pré-instaladas,

¹⁸ Python é uma linguagem de programação de alto nível, versátil e fácil de aprender, usada para desenvolvimento web, ciência de dados, IA e automação.

¹⁹ Raspberry Pi é um microcomputador compacto e acessível, usado para educação, prototipagem e projetos de eletrônica, automação e IoT.

²⁰ Um sensor PIR (Passive Infrared) detecta variações de calor emitidas por objetos em movimento, usado em sistemas de segurança e automação.

há bastante flexibilidade para programação compatível com Arduino nesse tipo de microprocessador.

Imaginando desdobramentos, a escolha da placa foi pensada para as evoluções previstas no projeto, como a possibilidade de instalações imersivas interativas, por exemplo, como o uso de vídeos. Com essas especificações mais robustas, é possível ter uma abertura maior para o acaso nas possibilidades de criação, estando aberto aos acontecimentos não previstos.

O sensor PIR (Passive Infrared)*, que permite o movimento de objetos, é o mesmo sensor utilizado em sistemas residenciais com iluminação automática, porém preparado para prototipagem com placas Arduino e Raspberry. Há também a possibilidade de ajustes de sensibilidade e de tempo no sensor, o que torna possível ampliar a área sensível do espaço instalativo. Para conexão com o sensor, a Raspberry foi conectada a uma *protoboard* com cabeamento Jumper nas portas; com as conexões feitas, a programação para o uso do sensor foi realizada no Python.

Python é uma linguagem de programação de desenvolvimento aberto e comunitário, de forma que muitas estruturas já estão disponíveis. O uso de um software livre, onde se criou uma comunidade em que corpos se conectam para a realização de algo, potencializa a poética desenvolvida na pesquisa. Para a obra, foi pensado o que se queria fazer e os caminhos para cada ação, onde figura que cada programação foi sendo coletada na comunidade Python e sendo construída como uma colagem de programação. Nem todos os códigos coletados estavam corretamente escritos, foi necessário realizar ajustes. A ajuda de Marcela Botelho, também discente de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, foi fundamental nesse processo de adequação dos códigos, sem a qual levaria um tempo muito maior e seria bem mais trabalhoso.

Para o programa, precisaríamos da escrita para utilização do sensor e da abertura do arquivo de imagem que seria exibido. Para os testes iniciais, utilizamos a

abertura do próprio visualizador de imagens do *Raspbian** com o arquivo de imagens já na memória da placa. Feita a escrita da linguagem, geramos um arquivo .PY para que o Python executasse e realizasse os comandos descritos.



Figura 60 - Registro de instalação “Inacontecimento, Amazônia” na exposição Amazônia Desvelada



Figura 61 - Registro de instalação “inacontecimento, amazônia” na exposição Amazônia Desvelada

3.4 - Obra: Inacontecimentos, Amazônia - Prêmio FCP de incentivo à arte e à cultura 2023.

Aqui apresento a versão atual realizada, através do Prêmio FCP de incentivo à arte e à cultura 2023, na Associação Fotoativa, criada como uma instalação audiovisual, utilizando dispositivos de fotografia, projetores e trilha sonora. A obra teve colaboração curatorial de Roberta Carvalho.

Contemplado no Prêmio FCP de incentivo à arte e à cultura 2023, a obra foi instalada na Associação Fotoativa. O projeto consistiu em produzir uma instalação com a utilização de fotografias ligadas a sensores de presença, nos quais elas pudessem interagir, ocorrendo a partir da iluminação interior das fotografias, que revelam ou não a imagem.

Para a montagem da exposição, os diálogos com Roberta Carvalho, curadora da exposição instalativa, foram fundamentais para o conceito estético final, que se alteraram bastante em relação à proposta inicial. Primeiramente, se pensava em montar as fotografias com iluminação interior uma ao lado da outra, de forma bem simétrica. Carvalho propôs que se fizesse uma montagem assimétrica com fios emaranhados por entre as obras e o chão, sugestão acatada de imediato. A proposta de frases nas paredes e mapas dos dados do INPE também foram sendo ajustados na proposta estética.

A instalação foi composta com 1 - os dados de mineração do INPE pintados com tinta spray amarela no lado esquerdo da parede e os dados de queimadas com tinta spray vermelha na área direita da parede, realizadas pela artista Leviana (Letícia Viana, Belém, 2001); 2 - um vídeo com frases e dados estatísticos sobre a devastação da Amazônia, que esteve projetado acima das fotografias, entre as duas pinturas; 3- assim como uma trilha sonora com sons da floresta, sejam de animais e rios, motosserras e tiros.

Os dispositivos de imagens (fotografias com iluminação interna) não puderam ser ligados cada um com um sensor, por questões de orçamento para a compra de

drivers para a iluminação das fotografias, então a ligação se fez com um sensor para 5 imagens da Amazônia degradada. Assim, o resultado final variou em relação à proposta inicial, sendo adaptada para a realidade do contexto, porém com o objetivo da poética alcançado.

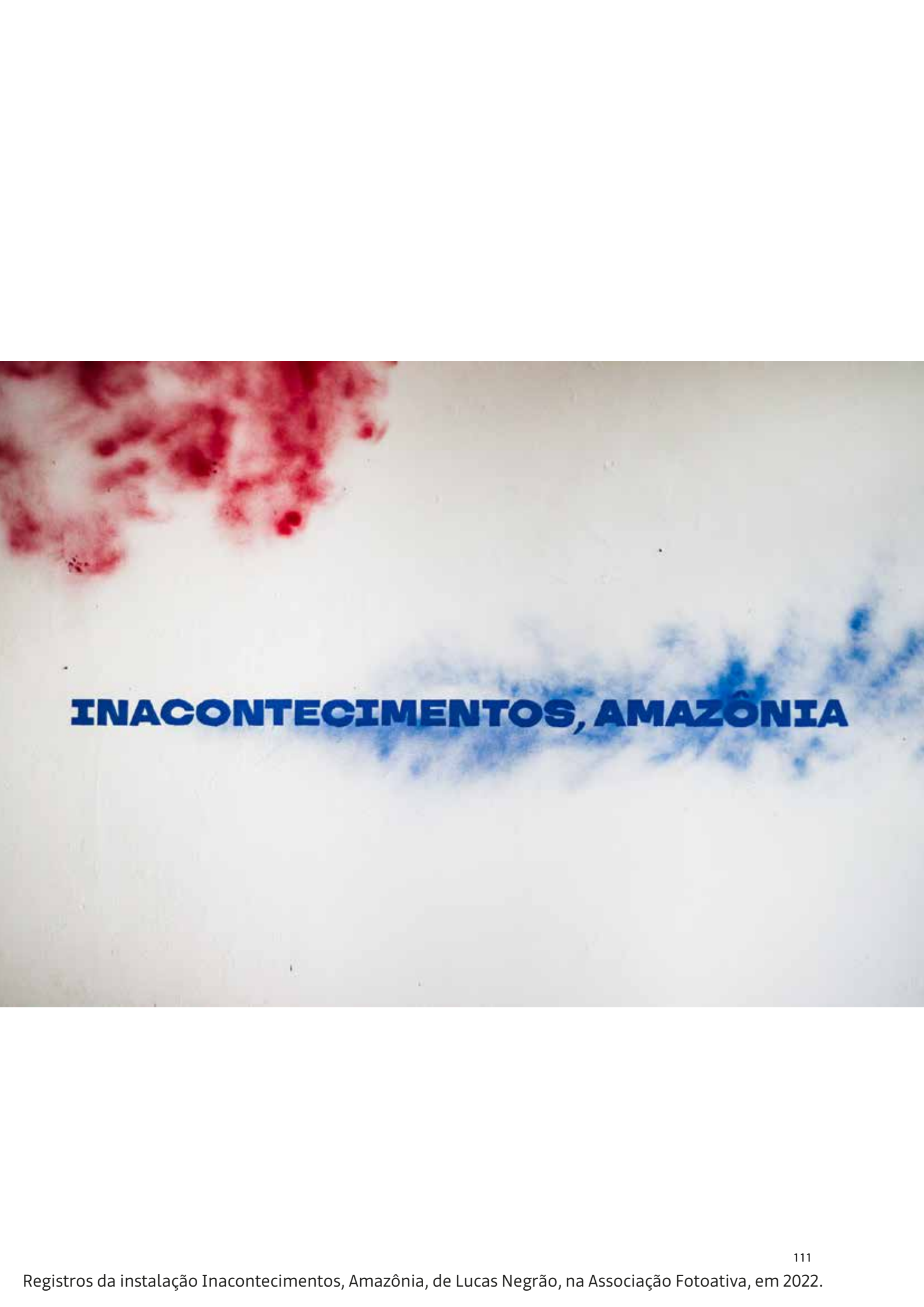
Por fim, algumas reflexões sobre a montagem final surgem como condições técnicas para as próximas montagens da instalação. A sala expositiva necessita ser um ambiente escuro e fechado, diferentemente de como é a galeria da Associação Fotoativa, para que as pessoas sejam surpreendidas com o acender das imagens. Outro aspecto, é o sensor invertido, que não foi possível construir para a exibição, necessitando de conhecimento técnico mais profundo, bem como, já dito, o orçamento maior para os equipamentos.

A AMAZÔNIA

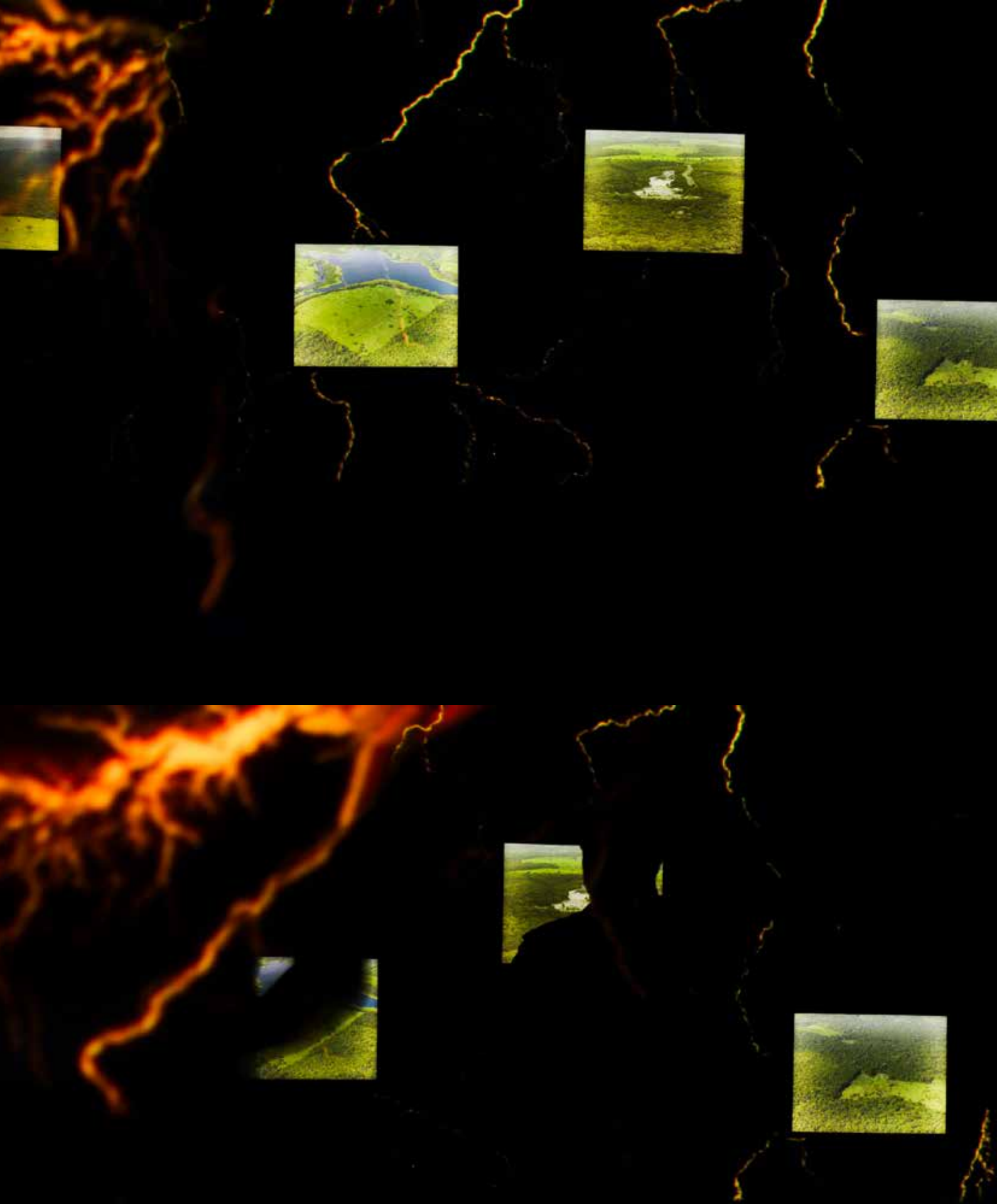
A AMAZÔNIA

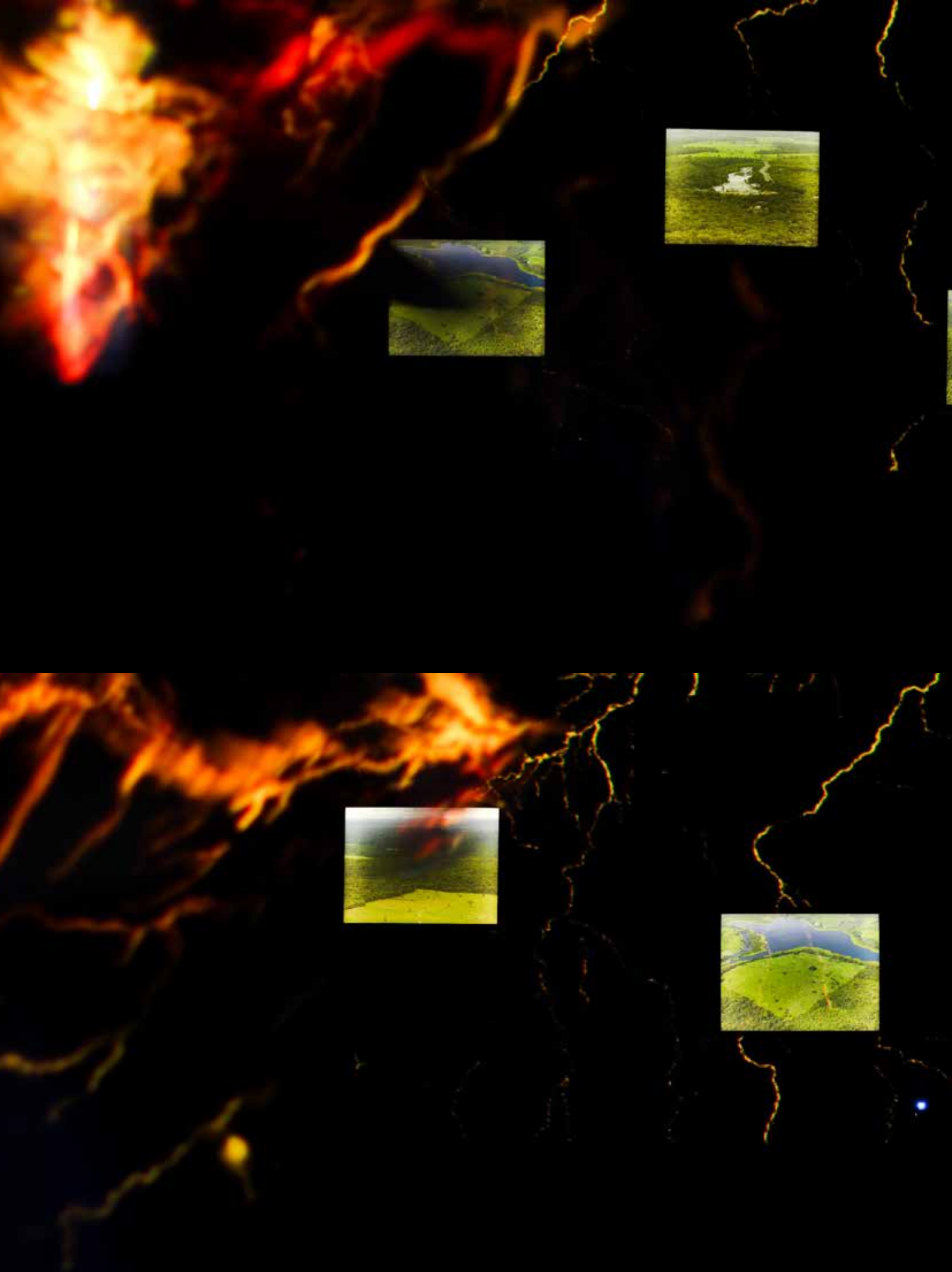
AMAZÔNIA



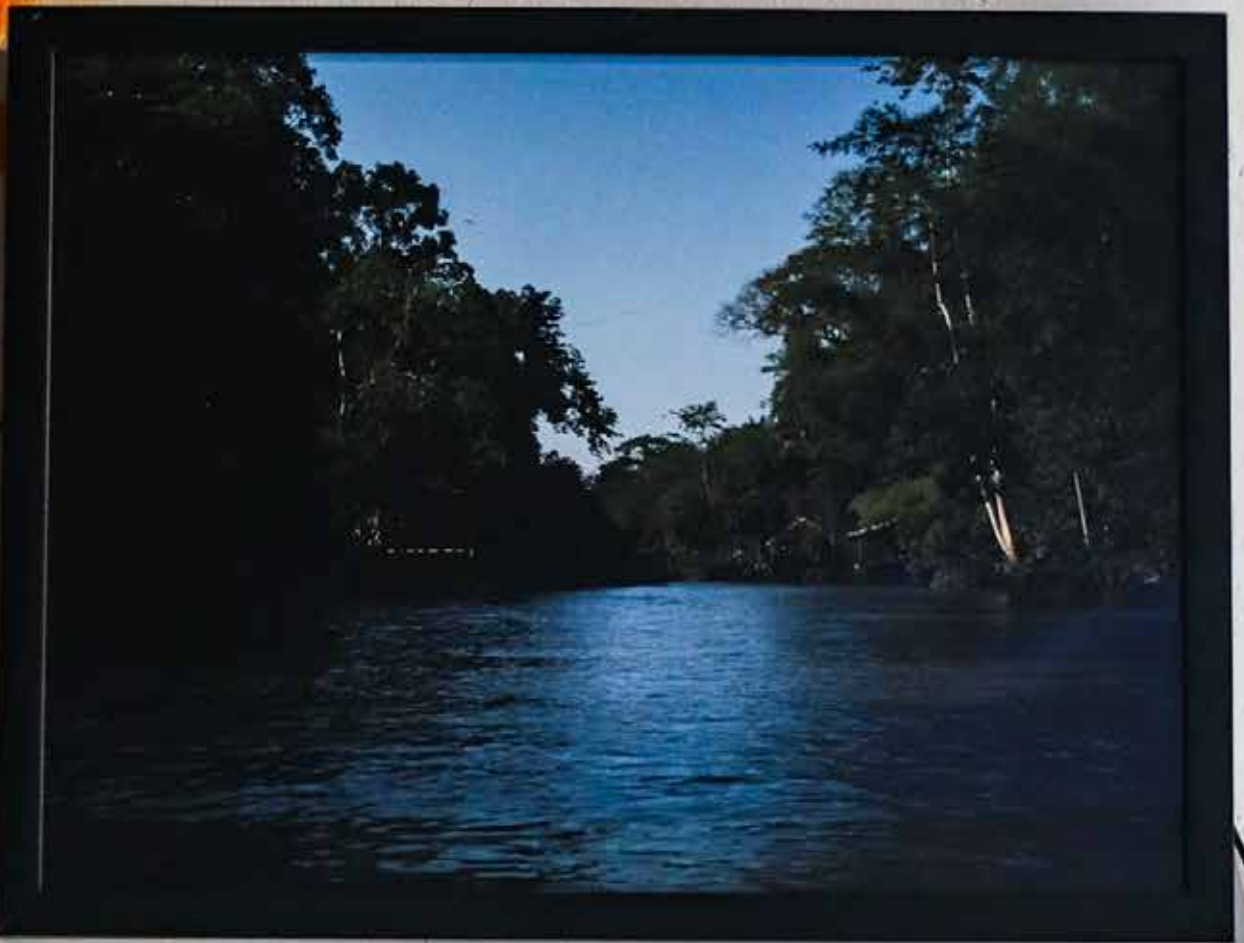
The image shows an abstract artwork on a white background. In the top left corner, there are several red ink splatters of varying sizes. A horizontal band of blue ink splatters runs across the middle of the page. The text 'INACONTECIMENTOS, AMAZÔNIA' is printed in a bold, blue, sans-serif font, centered horizontally and partially overlaid by the blue ink splatters.

INACONTECIMENTOS, AMAZÔNIA



















A AMAZÔNIA ESTÁ VIRAI



**A MINERAÇÃO DESMATOU 405,36 KM² =
A ÁREA DERRUBADA EQUIVALE A CERCA
DE 40,5 MIL CAMPOS DE FUTEBOL.**













O QUE HÁ DE VIR

Nesse processo de pesquisa-concepção-criação, o devir foi essencial para os fluxos de pensamento e imaginação, assim como na resolução de questões técnicas para a execução da obra. Minha orientadora me disse certa vez que trabalhar com tecnologia é, também, se adequar aos limites dela, e se desenvolver a partir disso.

Parto agora para um fluxo onde a interatividade possa contaminar a arte imersiva, criando um uma imersão-reativa.

Ou um cinema expandido interativo. Minhas experimentações com o cinema fizeram com que me encontrasse mais uma vez, e eu nem estava perdido.

Essa pesquisa, de forma íntima, conseguiu me fazer compreender processos que sempre me acompanham, que sempre foram substância da minha existência, e ter algumas certezas é importantíssimo, mas só algumas poucas certezas, a dúvida me faz imaginar.

O rio que corre em mim segue fluindo no devir, no papel e na imagem-movimento.

A Amazônia segue ardendo, sobretudo em mim, e hoje sei que se faz enfrentamento climático com arte e cultura.

Os inacontecimentos seguem acontecendo como quase foi com esse texto, ele quase aconteceu. (Preciso agradecer a existência de Hosana Celeste {hosana nas alturas APUD NAYARA JINKSS}, se esse texto existe é graças a ela).

~Dia desses, conversando com uma amiga, ela me disse: eu acho que tu és a única pessoa que conheci que tá saindo de um mestrado sem traumas. Saio sem traumas mesmo ~

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Referência bibliográfica usada

- ABRAMOVAY, Ricardo. *Amazônia: por uma economia do conhecimento da natureza*. São Paulo: Elefante, 2019.
- Amorim, L., Ribeiro, J., Ferreira, R., Santos, B., Souza Jr., C., & Veríssimo, A. *Sistema de Alerta de Desmatamento (SAD)* – Junho de 2022. Belém: Imazon, 2022.
- WATSUJI, Tetsuro. *Antropologia del paisaje: clima, cultura e ambientes*. Traducción del japonés: Juan Masia y Anselmo Mataix. Ediciones Sigueme S.A.U. Salamanca. 2006.
- BOURRIAUD, Nicolas. *Estética Relacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- _____. *Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- FREIRE, L. M.; LIMA, J. S.; SILVA, E. V. Belo Monte: fatos e impactos envolvidos na implantação da usina hidrelétrica na região Amazônica Paraense. *Sociedade e Natureza*, v. 30, n. 3, p. 18-41, 2018.
- MACHADO, Arlindo. *Arte e mídia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2010.
- MANESCHY, SOBRAL. *Revista Select*, 2021. *ARDOR E FRICÇÃO: EXPERIÊNCIA AMAZONIANA*. Disponível em: <https://select.art.br/ardor-e-friccao-experiencia-amazoniana/>. Acesso em: 10 ago. 2024.
- LEOTE, Rosangella. *ArteCiênciaArte*. São Paulo: Editora da Unesp Digital, 2015.
- LATOUR, Bruno. *Diante de Gaia: Oito conferências sobre a natureza no Antropoceno*. São Paulo: Ubu Editora, 2020
- KRENAK, Ailton. *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- Kopenawa, Albert, Bruce, Davi. *A queda do céu : Palavras de um xamã yanomami*. São Paulo : Companhia das Letras, 2015.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- SOGABE, Milton. *Instalações interativas mediadas pela tecnologia digital: análise e produção*. SCIArts. *Metacampo*, Itaú Cultural, 2010.

Referência bibliográfica pesquisada

- BEIGUELMAN, Giselle. *Políticas da imagem: Vigilância e resistência na dadosfera*. São Paulo: Ubu Editora, 2021.
- HUI, Yuk. *Tecnodiversidade*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- PLAZA, Julio. "Arte e Interatividade: Autor-Obra-Recepção", in *Cadernos da Pós-Graduação*, Instituto de Artes, Unicamp, Campinas (Vol. 4, no 1), 2000, pp. 23-39.
- PLAZA, Julio & TAVARES, Moônica. *Processos Criativos com os Meios Eletrônicos: Poéticas Digitais*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- SOGABE, Milton. *Arte pós-digital*. International Meeting of Art and Technology.
- SOGABE, Milton. *Olhar, tecnologia e arte*. DATJournal v.4 n.3 2019
- DOMINGUES, Diana (Org.). *Arte, Ciência & Tecnologia – passado, presente e desafios*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dados do desmatamento por ano, de 1988 a 2023.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Plantas que reagem ao toque, possuem propriedades medicinais e são chamadas de dormideira, dorme-maria ou não-me-toques.

Figura 2 - Mapa de área de uso de solo para pasto na Amazônia Brasileira. Fonte: PRODES - INPE.

Figura 3 - Área de uso de solo para mineração na Amazônia brasileira. Fonte: PRODES - INPE.

Figura 4 - Áreas queimadas na Amazônia brasileira.

Figura 5 - "Amazônia" mapa geográfico.

Figura 6 - "Amazônia brasileira" após atualização do IBGE em 2020.

Figura 7 - Gráfico do desmatamento entre 2012 e 2021.

Figura 8 - Mapa do desmatamento - PRODES/Terrabrazilis - INPE -2000 - 2022. A área em cinza representa a Amazônia Legal e em cor preta são as áreas de focos de queimada. É possível aferir que grande parte dos focos registrados por satélite estão no Estado do Pará e também próximo ao leito do rio Amazonas, entre o Amazonas e o Pará.

Figura 9 - Barragem da Hidrelétrica de Belo Monte, Altamira-Pará, no Rio Xingú.

Figura 10 - Área da mineradora Belo Sun, na Volta Grande do Xingu, ainda sem atuação de exploração.

Figura 11 - Mapa de Belo Sun e Belo Monte elaborado pelo Instituto SocioAmbiental (ISA / *Amazonia.org*).

Figura 12 - Obra Estrada de Ferro Carajás, de Tuca Vieira. Um trem carregado de minério de ferro bruto, desde Carajás, passando por Marabá, até o terminal de Ponta da Madeira, no Maranhão, com destino a diversos países.

Figura 13: Mapa da Estrada de ferro Carajás, com 892 km de extensão.

Figura 14 - Mapa da mineração na Amazônia Legal

Figura 15 - Mapa de terras indígenas e queimadas na Amazônia Legal

Figura 16 - Mapa do desmatamento e terras indígenas na Amazônia Legal

Figura 17 - Imagem de satélite da região da hidrelétrica de Belo Monte, 2011.
Fonte: google earth.

Figura 18 - Imagem de satélite da região da hidrelétrica de Belo Monte, 2020.
Fonte: google earth.

Figura 19 - Imagens da instalação fotográfica, obra que foi exposta na Mostra Imagens contemporâneas 2022, no Sesc Ver-o-Peso, Belém-Pa, entre 10/09 e 28/10/2022.

Figura 20 - Projeto Symbiosis, de Roberta Carvalho, desde 2007.

Figura 21 - mobile crash v2 [obsolescence trimmer] – 2012.

Figura 22 - obra “Não se aproxime”, de Rosangela Leote, 2013.

Figura 23 - Iceberg, interactive installation, Fernando Velázquez, 2018

Figura 24 - Imagem/ns da instalação fotográfica, obra que foi exposta na Mostra Imagens contemporâneas 2022, no Sesc Ver-o-Peso, Belém-Pa, entre 10/09 a 28/10/2022.

Figura 25 - Imagem/ns da instalação fotográfica, obra que foi exposta na Mostra Imagens contemporâneas 2022, no Sesc Ver-o-Peso, Belém-Pa, entre 10/09 a 28/10/2022.

Figura 26 - Imagem/ns da instalação fotográfica, obra que foi exposta na Mostra Imagens contemporâneas 2022, no Sesc Ver-o-Peso, Belém-Pa, entre 10/09 a 28/10/2022.

Figura 27 - Registro da exposição Amazônia Desvelada, 2023, por Irene Almeida.

Figura 28 - Natureza morta 1, Denilson Baniwa, 2016.

Figura 29 - Frame de vídeo YMÁ NHANDEHETAMA (antigamente fomos muitos), de Armando Queiroz, Almiros Martins e Marcelo Rodrigues, 2009.

Figura 30 - Chico Mendes é a Floresta! (2022), Projeto Symbiosis (desde 2007), Roberta Carvalho.

Figura 31 - Acampamento de famílias expropriadas pela construção da UHE de Tucuruí, 1984. Miguel Chikaoka.

Figura 32 - Cava da extração de minério de ferro. Serra dos Carajás, 1991. Miguel Chikaoka.

Figura 33 - Garimpeiro na beira da cava de extração de ouro. Serra Pelada , 1988. Miguel Chikaoka.

Figura 34 - Projeto Lago do Esquecimento (2011-2013), de Paula Sampaio.

Figura 35 - Ilha queimada, Volta Grande do Xingu, Cláudia Leão, 2015.

Figura 36 - Montagem das obras Arpilleras do MAB.

Figura 37 - Série Óleo sobre Selva, Francisco Sidou, 2023.

Figura 38 - Série Óleo sobre Selva, Francisco Sidou, 2023.

Figura 39 - Série Óleo sobre Selva, Francisco Sidou, 2023.

Figura 40 - Série Óleo sobre Selva, Francisco Sidou, 2023.

Figura 41 - Nas tramas da vida, a ferida da terra, Lu Peixe, 2012.

Figura 42 - Nas tramas da vida, a ferida da terra, Lu Peixe, 2012.

Figura 43 - Nas tramas da vida, a ferida da terra, Lu Peixe, 2012.

Figura 44 - Ideia inicial da proposta de obras, de longe uma imagem é exibida, de perto outra imagem é exibida.

Figura 45- Rascunho de planta baixa da montagem com área de atuação de sensores.

Figura 46 - Rascunho de montagem elétrica das obras.

Figura 47 - Rascunho de modo de operação de obra com placa microprocessadora.

Figura 48 - Acervo: A Amazônia está virando pasto e soja - Baixo Tapajós, 2022.
Fotografias de Lucas Negrão

Figura 49 - Acervo: A Amazônia está virando pasto e soja - Baixo Tapajós, 2022.
Fotografias de Lucas Negrão

Figura 50 - Acervo: A Amazônia está virando pasto e soja - Baixo Tapajós, 2022.
Fotografias de Lucas Negrão

Figura 51 - Acervo: A Amazônia está virando pasto e soja - Baixo Tapajós, 2022.
Fotografias de Lucas Negrão

Figura 52 - Acervo: A Amazônia está virando pasto e soja - Baixo Tapajós, 2022.
Fotografias de Lucas Negrão

Figura 53 - Acervo: A Amazônia está virando pasto e soja - Baixo Tapajós, 2022.
Fotografias de Lucas Negrão

Figura 54 - Barcarena, 1969/ 2023. Barragem de mineração da Hydro.

Figura 55 - Amazonas, 1986/ 2020 - Google Earth.

Figura 56 - Acervo: A Amazônia está virando pasto e soja - Macapá, 2023. -
Fotografias de Lucas Negrão.

Figura 57 - Acervo: A Amazônia está virando pasto e soja - Macapá, 2023. -
Fotografias de Lucas Negrão

Figura 58 - Acervo: A Amazônia está virando pasto e soja - Macapá, 2023. -
Fotografias de Lucas Negrão

Figura 59 - Acervo: A Amazônia está virando pasto e soja - Macapá, 2023. -

Fotografias de Lucas Negrão

Figura 60 - Registro de instalação.

Figura 61 - Registros da instalação Inacontecimentos, Amazônia, de Lucas Negrão, na Associação Fotoativa, em 2022.